

Avaliação de impacto do Programa Jovens Construtores com base em um experimento randomizado controlado

TEXTO PARA
DISCUSSÃO

62

Maio de 2021

Instituto Jones dos Santos Neves

Avaliação de impacto do Programa Jovens Construtores com base em um experimento.

Vitória, ES, 2021. 57 p.; il. tab. (Texto para 62)

1. YouthBuild Program. 2. Programa Jovens Construtores. 3. Experimento randomizado controlado. 4. Jovens. 5. Mercado de trabalho.

I. Cerqueira, Daniel. et al. "e col." II. Título. III. Série.

As opiniões emitidas são exclusivas e de inteira responsabilidade do (os) autor (es), não exprimindo necessariamente, o ponto de vista do Instituto Jones dos Santos Neves ou da Secretária de Estado de Economia e Planejamento do governo do Estado do Espírito Santo.

GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

José Renato Casagrande

VICE-GOVERNADORIA

Jacqueline Moraes da Silva

SECRETARIA DE ECONOMIA E PLANEJAMENTO – SEP

Álvaro Rogério Duboc Fajardo

INSTITUTO JONES DOS SANTOS NEVES – IJSN

Diretor Presidente

Daniel Cerqueira

Diretoria de Estudos e Pesquisas

Latussa Laranja Monteiro

Diretoria de Integração e Projetos Especiais

Pablo Silva Lira

Coordenação Geral

Pablo Silva Lira

Elaboração

Daniel Cerqueira

Danilo Coelho

Dino Capriolo

Ignácio Cano

Laura Jaitman

Colaboração

Darcy Neto

Jony A. Junior

Matheus Donato

Bibliotecário

Jair Rosário Filho

Fotografia Capa

Afta Putta Gunawan | Pexels

Sumário

Resumo	5
1. Introdução	6
2. Do YouthBuild ao Programa Jovens Construtores (PJC) no Brasil.....	7
2.1. A literatura sobre avaliação de impacto do YouthBuild program	10
3. Metodologia	13
3.1. Amostra e metodologia de análise de impacto.....	14
4. Dos Jovens Construtores à construção social do indivíduo: Perspectivas qualitativas dos gestores, professores e alunos	17
5. Resultados da avaliação de impacto	23
5.1. As características dos jovens dos grupos de tratamento e controle.....	23
5.2. Avaliação (não experimental) do programa, segundo os participantes do programa	26
5.3. Impactos do programa jovens construtores	28
5.3.1. Resultados.....	30
6. Conclusões.....	33
7. Referências	36
8. Apêndices	38

RESUMO

O *YouthBuild Program*, que objetiva resgatar jovens em situação de vulnerabilidade, é um dos programas com maior escala nos EUA, tendo chegado a 17 outros países, inclusive o Brasil, onde recebeu o nome de Programa Jovens Construtores (PJC). O mesmo busca ampliar as oportunidades aos jovens em situação de vulnerabilidade social, sobretudo no campo educacional e laboral, além de estimular as capacidades socioemocionais e fortalecer os vínculos comunitários. A formação compreende 340 horas de oficinas formativas e práticas distribuídas em cinco meses, sendo que o jovem recebe um acompanhamento por seis meses, que envolve atividades de aconselhamento e apoio à colocação no mercado de trabalho. Fizemos uma avaliação de impacto do PJC, com base em um experimento randomizado controlado. Entre os principais resultados, encontramos uma diferença estatisticamente significativa de quase 10 pontos percentuais, entre o grupo de tratamento e o de controle, em relação ao fato de o jovem adquirir algum vínculo ativo na escola ou no mercado de trabalho.

Palavras-chave: *YouthBuild Program; Programa Jovens Construtores; experimento randomizado controlado; jovens; mercado de trabalho.*

1. Introdução

O *YouthBuild Program*, que objetiva resgatar jovens em situação de vulnerabilidade, visando a sua (re)inserção na escola e no mercado de trabalho, é um dos programas com maior escala nos EUA, existindo desde 1978.

Tal programa chegou ao Brasil em 2009, numa parceria entre a *YouthBuild International* (YBI) e o Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS), uma organização não governamental. O programa que sofreu pequenas modificações de modo a se adaptar à realidade local foi aplicado em algumas comunidades pobres e favelas do Rio de Janeiro, quando passou a ser chamado de Programa Jovens Construtores (PJC).

Em 2016 no âmbito de um processo de financiamento do programa pelo Banco Interamericano (BID) ficou estabelecido a necessidade de se fazer uma avaliação de impacto com base em um experimento randomizado controlado.

O alcance do projeto apoiado pelo BID previa seis ciclos completos de aplicação do PJC, contemplando 210 jovens elegíveis, sendo que o objetivo principal da avaliação de impacto seria centrado na **inserção laboral dos jovens no setor formal ou informal, tendo em conta as características de gênero e raça/cor, sendo que o critério de elegibilidade seria focado em Jovens vulneráveis entre 16 e 24 anos, com recursos limitados para criar oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional nas comunidades de Borel e Mangueira.**

Nessas comunidades, após um processo de divulgação e arregimentação dos jovens elegíveis, no momento em que o mesmo demonstrava interesse em participar era feita uma ficha de pré-inscrição, em que o próprio fornecia um conjunto de dados pessoais e socioeconômicos. A base de dados gerada serviu não apenas para evidenciar o excesso de demanda por vagas, o que permitiu a posterior aleatorização dos participantes, mas para aferir se houve diferenças significativas nas características dos jovens escolhidos para tratamento e controle.

No presente artigo apresentaremos os resultados da avaliação de impacto do PJC feito com base em um experimento randomizado controlado. Complementarmente, fizemos uma análise sobre a percepção dos jovens tratados, bem como dos técnicos e gestores que participaram do programa, com base em métodos de pesquisa qualitativa, que envolveram entrevistas semiestruturadas e grupos focais.

Na segunda seção descrevemos o *YouthBuild program*, um pouco de sua evolução até chegar ao Brasil, o formato do programa e seus objetivos principais. Nesta seção apresentamos ainda a configuração do PJC aplicado nas comunidades do Rio de Janeiro. Na terceira seção fizemos uma discussão da literatura envolvendo a avaliação do *YouthBuild program* nos EUA e em outros países. Na quarta seção descrevemos o método adotado no presente trabalho. Na quinta seção apresentaremos os principais achados da análise qualitativa. Na sexta seção apresentamos os resultados da avaliação de impacto obtida com base no experimento randomizado controlado, quando seguem as conclusões.

2. Do *YouthBuild* ao Programa Jovens Construtores (PJC) no Brasil

O *YouthBuild program* foi fundado em 1978 no bairro do Harlem, em Nova Iorque, com o foco no resgate de jovens em situação de vulnerabilidade, visando a sua (re)inserção na escola e no mercado de trabalho. O programa original ao mesmo tempo em que trazia uma cultura de respeito à juventude, reconhecia a complexidade das necessidades dos jovens em situação de desvantagem social.

Os critérios de elegibilidade miravam indivíduos entre 16 e 24 anos, em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Tipicamente, objetivava-se arregimentar jovens que se evadiram da escola, que pertenciam a famílias de baixa renda; migrantes; egressos do sistema penal; filhos de pais encarcerados, ou aqueles que possuíam alguma deficiência.

O programa baseava-se num misto de treinamento educacional, profissional e vocacional (geralmente na área de construção civil), aconselhamento pessoal, desenvolvimento de liderança e serviço¹.

Por meio da *YouthBuild International* (YBI), criada em 1999, o programa se estendeu para mais de 17 países, quando passou a ser replicado por ONGs, agências governamentais, instituições de desenvolvimento internacionais e companhias globais. Neste contexto, o YBI tem provido treinamento, assistência técnica e consultoria a parceiros, no sentido de adaptar o modelo YB ao contexto local.

Atualmente há programas desenvolvidos do YBI nos seguintes países: África do Sul; Brasil; Canadá; Costa Rica; Colômbia; El Salvador; Equador; Honduras; Índia; Inglaterra; Iraque; México; Panamá; Quênia; Senegal; Uganda.

¹ Miller et al. (2016).

Sem incluir os Estados Unidos, na atualidade, existem cerca de 360 programas do YouthBuild funcionando nos vários países, que contam com 180.000 jovens participantes, onde foram investidas 50 milhões de horas em formação e melhorias nas comunidades realizadas pelos jovens a partir da qualificação².

A introdução do programa *YouthBuild* no Brasil – aqui conhecido como “Programa Jovens Construtores” (PJC) – ocorreu em 2009, a partir de uma parceria com o Centro de Promoção da Saúde (CEDAPS), organização não governamental fundada há 28 anos com o propósito de promover o fortalecimento de organizações, grupos e comunidades populares e contribuir para o aprimoramento de políticas públicas sustentáveis, inclusivas e saudáveis.

A implementação do programa pelo CEDAPS envolve sempre a parceria com organizações ligadas ao campo vocacional e Organizações de Base Comunitária (OBC), que possuem legitimidade nos territórios e garantem que o programa alcance os participantes que melhor se adequem ao perfil do programa (aqueles mais vulneráveis). Neste arranjo institucional, o CEDAPS não apenas coordena todo o planejamento e a execução dos ciclos de implementação do programa, mas capacita as OBCs em todas as etapas do mesmo, de modo a garantir que a qualidade da metodologia desenvolvida pela YB e pactuada com o CEDAPS possa ser replicada.

Desde o início dos trabalhos no país, foram realizadas dezesseis edições com a participação de 426 jovens de 16 a 24 anos de idade na cidade do Rio de Janeiro³. As turmas foram aplicadas em comunidades pobres do Rio de Janeiro, sendo elas em Campo Grande (2010), no Complexo do Alemão (2012), no Morro dos Prazeres (2015), na Cidade de Deus e no Morro do Borel (2016) e no Morro do Borel, Mangureira e Pavuna (2017); Providência, Maré, Cidade de Deus e Del Castilho (2019).

Em termos mais gerais, o PJC busca ampliar oportunidades aos jovens em situação de vulnerabilidade social, sobretudo no campo educacional e laboral, além de estimular as capacidades socioemocionais e fortalecer os vínculos comunitários.

O Programa Jovens Construtores está apoiado em cinco estratégias para efetivação de resultados:

1. Desenvolvimento do programa dentro dos territórios onde os jovens residem;

² Ver <https://youthbuild.org/about-us/> [extraído em 09/02/2021]

³ O PJC também foi implementado nos estados do Pará, Maranhão, Espírito Santo e Minas Gerais.

2. Implementação por meio de programa intensivo de formação, com encontros e aulas com duração de quatro horas diárias, cinco vezes na semana, ao longo de quatro meses, além do quinto mês, quando é desenvolvida a atividade prática de construção ou reforma do ativo familiar e comunitário.

3. Execução do programa a partir de parcerias com (OBCs), co-gestoras das edições do programa, e também com uma rede de suporte do território de intervenção;

4. Visibilização do resultado a partir da transformação concreta em espaços comunitários do território dos participantes⁴ para gerar valor para juventude – Ativos Familiares e Comunitários (AFC);

5. Acompanhamento do jovem por pelo menos seis meses no período após a conclusão do programa de formação, com o intuito de apoiar a inserção no mundo do trabalho e na sociedade⁵.

No total, a formação compreende 340 horas de oficinas formativas e práticas com ênfase em diferentes habilidades, tais como pintura profissional, construção civil, telecom, elétrica predial, sendo que no último mês, os jovens desenvolvem e executam um projeto, sob supervisão dos instrutores, para a construção ou reforma de AFC, de modo a praticar e materializar o conhecimento adquirido.

O conteúdo programático está distribuído em seis módulos, cada qual composto por um conjunto de oficinas que abordam temáticas envolvendo o crescimento pessoal e profissional dos jovens participantes, além dos módulos específicos voltados para a profissionalização e a parte prática. Dentre os temas abordados estão: promoção da ética, integridade e transparência; promoção à diversidade nos seus diferentes aspectos; educação ambiental e ações que visem recuperação e preservação de áreas degradadas; entre outros.

⁴ Trata-se de obras e reformas que alteram espaços públicos e privados, melhorando o ambiente de convivência e, conseqüentemente, o bem-estar. Exemplos: reforma da casa, terrenos baldios que viram praças, etc.

⁵ Tal processo é feito por meio de suporte socioemocional individualizado a partir de um plano de vida de autoria dos participantes. Inicialmente, as ações são, prioritariamente, realizadas dentro do território em que o jovem está inserido e com a participação de diferentes parceiros (técnicos, estratégicos, comunitários). As OBCs são corresponsáveis, quando os familiares são convidados a participar de ações de fortalecimento de vínculos e emancipação familiar.

Como resultado final, a ideia é que, além dos conhecimentos objetivos adquiridos, os jovens passem a se compreender como sujeitos dotados de direitos, e também, de deveres de modo a enfrentar os desafios que lhe são impostos.

Após os cinco meses de aulas e oficinas, os jovens são acompanhados por mais seis meses, quando se tenta fazer a colocação dele no mercado de trabalho. Ao longo do curso, o mesmo recebe uma tutoria individual, quando é instado a fazer o seu “plano de vida”, que é uma forma de fazer com que o mesmo reflita sobre suas aspirações; e como lidar com questões pessoais e práticas.

O Plano de Vida é composto por cinco dimensões, que orienta os jovens no estabelecimento de objetivos no curto, médio e longo prazo. As dimensões trabalhadas são: educação, trabalho, desenvolvimento pessoal, família, saúde e finanças.

Nesse processo, a tutora auxilia o jovem a decidir o primeiro passo a dar após o fim da edição em que participa, já exercitando a autonomia de sua vida com base nos seus sonhos e desejos. Basicamente, nesse momento, se tenta consolidar a ideia do jovem se enxergar como um agente de mudança e que o mesmo pode exercitar escolhas empreendedoras, mesmo levando em conta as suas restrições econômicas e de oportunidades.

Além desse processo de aconselhamento pessoal, as tutoras do CEDAPS procuram ativamente, nesse período, oportunidades de emprego e entrevistas de trabalho, quando ainda ajudam os jovens a tirarem toda a documentação necessária para o exercício profissional.

2.1 A literatura sobre avaliação de impacto do *YouthBuild program*

O *YouthBuild Program* tem sido objeto de inúmeros estudos⁶ e avaliações nos Estados Unidos e também em outros países desde pelo menos 1996, conforme se pode ver em Wright (2001), Mitchel et al. (2003), Hahn e Leavitt (2007), Abrazaldo et al. (2009), YouthBuild USA (2010), Midling e Leufgen (2010) e Levine (2012).

⁶ Ver por exemplo https://www.youthbuild.org/sites/default/files/2014_synopsis.pdf.

Segundo estimativas do YouthBuild⁷, mais de 78% dos inscritos nos vários programas completam os cursos, sendo que entre aqueles que participaram 63% completaram o ensino médio ou obtiveram diploma equivalente. Na colocação laboral, resultados positivos também foram encontrados, onde 60% dos jovens participantes foram colocados no mercado de trabalho. Esses resultados se alinham com os encontrados por Wright (2001), que analisou vários programas YB nos EUA, entre 1998 e 2001.

Abrazaldo et al. (2009) analisaram o processo e documentaram também resultados bastante auspiciosos dos programas *YouthBuild-Youth Offender*. Segundo esses autores, mais de 68% dos jovens ex-infratores que completaram o programa se graduaram no ensino básico ou obtiveram uma colocação antecipada de emprego. No quesito educacional, enquanto apenas 9% dos jovens ex-infratores entraram no programa com seus certificados e diplomas de ensino médio, mais de um terço obtiveram o mesmo ao concluir o programa. Além disso, quase dois terços de todos esses jovens foram colocados em empregos não subsidiados, em atividades educacionais ou em treinamento ocupacional. Por fim, a maioria dos jovens ex-infratores (74,6%) não reincidiu ou revogou a condicional ou a liberdade condicional durante o período de acompanhamento após deixarem a *YouthBuild*.

No entanto, uma grande limitação de todas essas análises é que as mesmas não foram baseadas em grupos de controle apropriados. Por exemplo, Mitchel et al. (2003) comparam os resultados de quatro grandes programas focalizados na inserção laboral dos jovens e financiados por recursos públicos (entre os quais o YB), mas reconhecem as limitações da análise, em face de não ter sido baseada em experimentos aleatórios controlados.

De fato, todos esses estudos possuem importantes limitações porque não foram baseados em experimentos aleatórios com grupos de controle e tratamento. Deste modo, não se conseguiu estimar o impacto dos programas, mas apenas os resultados obtidos pelos jovens que participaram. Ou seja, não há como garantir que os jovens não teriam resultados similares caso não tivessem participado do programa, seja por questões macroeconômicas ou relacionadas às dinâmicas socioeconômicas locais, entre outras possibilidades.

⁷ Ver <https://www.youthbuild.org/our-impact>.

Miller et al (2016), por outro lado, fizeram o estudo mais abrangente de avaliação do impacto de programas YB. A partir de um desenho de avaliação de seleção aleatória de grupos de controle e tratamento, que envolveu 75 programas nos EUA. As autoras verificaram que 75% dos jovens escolhidos participaram efetivamente dos programas e que metade desses concluíram o programa. No geral, os jovens participantes avaliaram como bastante positiva suas experiências com o programa. Entre os principais achados sobre os impactos, verificou-se que houve um aumento na participação educacional e vocacional dos jovens que participaram, em relação ao grupo de controle, ainda que 70% dos jovens pertencentes a este último grupo tivessem se matriculado em algum curso.

Com efeito, verificou-se um impacto favorável em termos do aumento na proporção de jovens que conseguiram terminar o ensino médio, ou se matricularam no ensino superior, ou ainda em cursos vocacionais e profissionalizantes. No que se refere à colocação no mercado de trabalho observou-se um pequeno aumento salarial, ainda que não se percebessem diferenças no emprego entre os dois grupos. Na dimensão do desenvolvimento juvenil, o YouthBuild aumentou o engajamento cívico, particularmente o voluntariado, mas teve poucos efeitos sobre outras medidas de desenvolvimento ou atitudes dos jovens. Também não se conseguiu evidenciar qualquer efeito significativo do programa no que diz respeito ao envolvimento dos jovens no sistema de justiça criminal.

Dois estudos, devidos a Cohen e Piquero (2008) e ao Departamento de emprego e economia de Minesota (2003), objetivaram ainda estimar o benefício-custo dos programas YB. Cohen e Piquero (2008) concluíram que permanecer no programa *YouthBuild*⁸ reduz a probabilidade de reincidência. Neste estudo, os autores estimaram que cada dólar gasto em um estudante do YouthBuild resultou em um retorno médio do investimento ao longo da vida do estudante de US\$ 7,80. Segundo os autores, para estudantes com antecedentes criminais o retorno do investimento variou de US\$ 10,80 a US \$ 42,90.

No segundo estudo, os autores concluíram que cada novo grupo de jovens treinados no programa YouthBuild de Minnesota produz aproximadamente US \$ 350.000 por ano em receitas adicionais de impostos estaduais; e US \$ 1,2 milhão em economia de

⁸ Trata-se de um tipo específico de programa YB que focava, particularmente, os jovens com problemas no sistema de justiça criminal.

custos prisionais no primeiro ano após o término do programa. Isso se traduz em aproximadamente US\$ 1,5 milhão em benefícios diretos no primeiro ano depois que uma coorte participante sai do programa, em comparação com o custo do estado de US\$ 877.000 por ano.

3. Metodologia

O processo de trabalho para a avaliação de impacto do PJC envolveu a conjugação de métodos de pesquisa qualitativa e quantitativa, conforme descreveremos a seguir.

Para o início dos ciclos formativos do PJC, O CEDAPS, em parceria com as OBCs, fez, por determinado período, uma ampla campanha de sensibilização e mobilização com os jovens moradores das comunidades, para que se inscrevessem para a seleção do PJC que iria ser implementado naquelas localidades. Nesse processo, os jovens foram instados a preencher uma ficha de pré-inscrição⁹.

Dentre os inscritos, foram excluídos aqueles que não se enquadravam para a elegibilidade do programa, conforme critério apontado anteriormente¹⁰. Tendo em vista que tanto no Borel, quanto na Mangueira o número de jovens elegíveis e inscritos foi superior ao número de vagas, os autores do presente estudo levaram a cabo um processo de escolha aleatória, com o uso de programação estatística desenvolvida no software Stata. Com base nas amostras sorteadas, foram feitos vários testes de hipótese de diferença de média das características observáveis, apenas com o fito de demonstrar que os grupos de controle e de tratamento sorteados eram eminentemente idênticos nas características observáveis¹¹.

A fim de aprofundar a compreensão da execução do PJC e produzir o instrumento (questionário) a ser aplicado aos jovens para a avaliação de impacto, foi feito um trabalho qualitativo prévio, com sua respectiva análise, cujos principais achados foram descritos na seção 4. Em uma mão, entrevistas semiestruturadas foram aplicadas a gestores e instrutores. Em outra mão, dois grupos focais foram feitos com grupos de jovens que

⁹ Ver as principais variáveis constantes na ficha de pré-inscrição, no Apêndice 1.

¹⁰ Isto é: ter entre 16 e 24 anos de idade, ser morador do território focalizado – isto é morro do Borel e Mangueira – e estar compreendido num perfil de vulnerabilidade social

¹¹ No apêndice 2 há duas tabelas com testes de hipóteses de características selecionadas entre os grupos de tratamento e controle, relativa ao Borel e à Mangueira.

participaram do programa, mas que não iriam ser entrevistados¹² posteriormente, de modo a não haver qualquer efeito contágio.

Com base nas análises das entrevistas individuais e dos grupos focais, formulamos uma primeira versão do questionário, que foi submetido a um teste piloto com os participantes da 1ª turma do Borel, que não participaram da avaliação subsequentemente.

Após a revisão e produção da versão final do instrumento, o questionário foi aplicado de quatro a dez meses após a finalização da fase de tentativa de colocação do participante no mercado de trabalho, ou de 15 a 21 meses após o início do programa uma vez que após os cinco meses de aulas e oficinas, o programa previa um período de seis meses subsequentes para a colocação no mercado de trabalho.

O instrumento aplicado aos jovens possui basicamente cinco blocos de perguntas. Além desses blocos, os jovens que participaram do programa responderam ainda a um sexto bloco de questões, a fim de que pudéssemos avaliar (de forma não experimental), suas percepções subjetivas em relação ao PJC.

O primeiro bloco não contém perguntas cujos resultados possam ser associados ao impacto do programa, mas trata apenas de características pessoais, do domicílio e da escolaridade da mãe dos jovens. Estas servem para verificar se os grupos de controle e tratamento são idênticos, ou para fazer análises dos resultados, controlando para essas características.

O segundo bloco trata da questão educacional em relação ao ensino regular, ao treinamento profissional e às expectativas de continuar os estudos. O terceiro bloco versa sobre as questões relativas ao mercado de trabalho. O quarto bloco aborda questões sobre o desenvolvimento emocional, social e valores dos jovens, ao passo que o último bloco lida com o possível envolvimento em atividades violentas ou criminosas.

3.1 Amostra e metodologia de análise de impacto.

Pelo fato de as escolhas dos jovens sujeitos à tratamento e controle serem feitas de forma aleatória, as informações colhidas nos questionários são suficientes para

¹² Trata-se dos participantes da 1ª turma do Borel, que não foram escolhidos aleatoriamente e que, portanto, não fizeram parte de nossa amostra.

estimarmos os possíveis impactos do programa, de modo a isolar potenciais variáveis omitidas que poderiam distorcer ou enviesar os resultados.

De modo a melhorar a precisão das estimativas, as análises de impacto e os testes de hipóteses foram feitos com base em regressões, seguindo a abordagem de Mitchel et al. (2003), onde consideramos como controles o local de residência, a idade, sexo, raça-cor nível, de escolaridade, se mora com os pais e se tem filhos.

Adicionalmente, como no quarto bloco existem 17 questões acerca de valores e características socioemocionais dos jovens (quando utilizamos escalas *likert*), desenvolvemos um modelo de análise fatorial a fim de tentar capturar variáveis latentes e medir possíveis diferenças entre os grupos de tratamento e controle, no que diz respeito a essas variáveis latentes. A metodologia empregada nessa modelagem, bem como os resultados serão apresentados no Apêndice 3.

Feitos os sorteios para o Borel e a Mangueira, as amostras ficaram conforme detalhado na Tabela 1. A amostra total contou com 311 entrevistas, sendo que 176 pertencem ao grupo de controle e 135 ao grupo de tratamento.

Uma dificuldade geralmente encontrada em avaliações de impacto com desenho experimental diz respeito a questões de possíveis contágios, ou situações em que indivíduos do grupo de controle terminam migrando para o grupo de tratamento e vice-versa, ou ainda casos em que os indivíduos do grupo de controle simplesmente não são mais encontrados posteriormente.

Felizmente nenhum problema dessa natureza ocorreu com a presente avaliação, tendo em vista que o CEDAPS manteve um controle sobre os participantes dos programas – respeitando estritamente a escolha aleatória – e ainda fez um esforço notável para manter o contato telefônico não apenas dos jovens pertencentes ao grupo de tratamento, mas também do controle.

De fato, se considerarmos que os jovens entrevistados foram mobilizados mais de três anos após o preenchimento da ficha de pré-inscrição, 53% dos jovens do grupo de controle, ou (ou 176 jovens) entrevistados é um número bastante razoável.

Não obstante, já no final de 2018 mudanças súbitas no quadro da segurança pública do Rio de Janeiro e, em particular, nos territórios em que se aplicou o PJC, impediram que a taxa de respostas, em relação ao planejado inicialmente fosse ainda maior. Nesse momento, os chefes dos morros foram presos, causando uma enorme instabilidade, desconfiança e medo entre os moradores das comunidades, uma vez que novos líderes das facções criminosas assumiram o comando, sendo provenientes esses de outras comunidades, sem vínculos com os moradores locais. Daí, a partir desse momento, após 16 visitas aos locais pela equipe responsável pelas entrevistas, não conseguimos contato com mais nenhum jovem que, por uma questão de medo e segurança própria, se abstiveram de falar.

Mediante a maior facilidade de encontrar os jovens que participaram do programa, que foram entrevistados logo nas primeiras visitas, percebe-se uma diferença entre os percentuais de cobertura entre os tratados e controles. Mesmo assim, considerando o alto percentual de respostas, não acreditamos que tenha havido qualquer processo de seleção da amostra, mesmo porque o choque nas condições de segurança local afetou igualmente os dois grupos.

Tabela 1 – Amostras dos grupos de controle e tratamento

Borel									
	Total		Realizado		Não realizado		Não querem/Não pode participar		
Controle	106	100%	73	69%	24	23%	9	8%	
Tratamento	94	100%	84	89%	9	10%	1	1%	
Total	200	100%	157	79%	33	17%	10	5%	

Mangueira									
	Total		Realizado		Não realizado		Não querem/Não pode participar		
Controle	196	100%	103	53%	90	46%	3	2%	
Tratamento	60	100%	51	85%	7	12%	2	3%	
Total	256	100%	154	60%	97	38%	5	2%	

Total									
	Total		Realizado		Não realizado		Não querem/Não pode participar		
Controle	302	100%	176	58%	114	38%	12	4%	
Tratamento	154	100%	135	88%	16	10%	3	2%	
Total	456	100%	311	68%	130	29%	15	3%	

Fonte: Elaboração dos autores com informações do CEDAPS

4. Dos Jovens Construtores à construção social do indivíduo: Perspectivas qualitativas dos gestores, professores e alunos

Esta seção trata da análise qualitativa do PJC que, conforme apontamos anteriormente, serviu a um duplo propósito: a) coletar informações gerais sobre o programa e sobre a percepção dos seus atores centrais: técnicos e beneficiários; e b) obter insumos para a elaboração do questionário, de forma que este fosse compreensível, adequado à população alvo e que contivesse os pontos centrais sob a perspectiva dos atores mencionados. Tal análise se baseou em entrevistas semiestruturadas com técnicos e gestores, por um lado, e na realização de grupos focais com jovens que foram sujeitos ao tratamento com o PJC, de outro lado.

Inicialmente, foram realizadas nove **entrevistas semiestruturadas a técnicos e gestores envolvidos com o programa**¹³, incluindo desde os diretores até os instrutores dos cursos, passando pelos técnicos que ajudam a realizar o plano de vida dos participantes e que procuram colocação no mercado trabalho, acompanhando-os durante todo o processo.

Sinteticamente, as conclusões mais importantes que resultaram dessas entrevistas foram:

1. O programa Jovens Construtores adotado no Brasil é uma adaptação local do programa *YouthBuild* norte-americano, que teve a iniciativa de procurar o CEDAPS para propor uma parceria. Essa parceria começou com um projeto piloto e culminou num projeto conjunto que foi selecionado num concurso do BID para financiar iniciativas nessa área. Os materiais foram inicialmente traduzidos dos originais em inglês e o conceito do projeto foi sendo progressivamente adaptado à realidade local. A realização de obras comunitárias, potencialmente, nos domicílios dos participantes, por exemplo, parece ser uma contribuição local, que reflete o nível das desigualdades e carências no país.

2. Os componentes centrais do programa, tal como aplicado nas últimas turmas foram:

¹³ O roteiro das entrevistas pode ser examinado no Apêndice 4.

a) cinco meses de curso presencial, com conteúdos relacionados, por um lado, com o ensino técnico de construção civil, e por outro, com competências gerais para a vida dos jovens: educação sexual, primeiros socorros, treinamento para fazer um curriculum e para se apresentar numa entrevista de trabalho, etc. Durante este tempo, o participante recebe uma bolsa mensal de R\$ 200;

b) elaboração de um ‘Plano de Vida’ individual em que o jovem propõe seus objetivos para os próximos 5 anos, seguido de um acompanhamento individual (*‘mentoring ou counseling’*) para a efetivação deste plano e para ajudar o jovem com as dificuldades que possa enfrentar. Esta tutoria inclui encontros coletivos, onde se acordam normas grupais (os ‘combinados de respeito’), e uma entrevista individual a cada mês;

c) no último mês do curso os beneficiários desenvolvem um projeto de uma pequena obra de construção civil, que pode ser coletiva (realizada num espaço público, como uma praça, junto com alguns dos seus companheiros), ou individual, como uma obra na sua própria casa. O jovem recebe uma ajuda de R\$300 para comprar materiais para essa obra e mais R\$200 por mês, enquanto é realizado o curso;

d) após os cinco meses de curso formal, há um acompanhamento individual durante um período adicional de outros 6 meses, período durante o qual o programa tenta colocar o jovem no mundo de trabalho.

3. Uma vez que os jovens finalizam a sua participação no Programa Jovens Construtores, alguns são convidados a fazerem parte do grupo de Jovens Conselheiros, que se reúne mensalmente como uma espécie de grupo de apoio ao programa, além de receber formação. Os ‘jovens conselheiros’ recebem R\$60 por mês, além de lanche e transporte para participar na reunião mensal. Até 2019, aproximadamente 12 jovens de diversas comunidades integravam este grupo.

4. Entre os componentes do programa, os técnicos destacam os projetos de obras na comunidade (o ‘ativo comunitário’) e o acompanhamento individual, que une o Plano de Vida e a busca posterior de trabalho, como os dois aspectos mais destacados do

programa e os que o diferenciariam de outros programas semelhantes dirigidos ao mesmo público alvo.

5. O CEDAPS aplica o programa sempre em parceria com uma organização comunitária do local onde opera, que é quem ajuda a fazer a arregimentação dos jovens para a participação no programa. Essa é a estratégia de trabalho do CEDAPS não apenas para o PJC, mas para todos os seus programas comunitários. Em algumas ocasiões, o CEDAPS ajuda a melhorar a infraestrutura do local onde ocorrerá o curso e capacita os integrantes da organização comunitária.

6. A busca por participantes se dá normalmente em função de critérios de vulnerabilidade social, priorizando jovens que não estudam nem trabalham, jovens com filhos, mulheres, e meninos que tenham deixado atividades ilícitas.

7. Uma vez selecionados os participantes, O CEDAPS convoca também os seus familiares para o momento da matrícula e para eventos no meio e no fim do curso como uma maneira de reforçar o compromisso familiar com o programa.

8. Os técnicos expressaram que, embora o programa original nos EUA tinha como objetivo central a capacitação técnica em construção civil para incrementar as chances de emprego, no Brasil o programa adotou uma abordagem diferente. Assim, a capacitação técnica ainda é um componente importante, mas o objetivo mais amplo é a capacitação geral dos jovens para a vida e a obtenção de uma melhora da autoestima, de forma que aumentem sua chance de inserção social. Em palavras de um dos gestores do projeto, o objetivo teria mudado de ‘construção civil’ para ‘construção de um projeto de vida’, tal que a construção civil seria um “termo metafórico” que funcionaria mais como um gancho para atrair os jovens. Outros entrevistados definem os objetivos centrais do programa como “ampliar a perspectiva dos jovens”, “mostrar ao jovem o que ele pode fazer” ou “mostrar para eles que os mesmos podem ser importantes em alguma atividade”. Alguns mencionam que o critério de sucesso do programa deve ser individual, isto é, se ajustar ao critério de sucesso que cada participante tiver e tentar ajudá-lo a atingi-lo. Além disso, outros objetivos secundários do programa seriam: a) a criação de uma rede entre os próprios meninos e meninas da comunidade; b) o estímulo à economia local através da contratação de lanches e transporte fornecidos por pessoas da própria comunidade.

Em suma, se as oportunidades de emprego e de inserção melhorarem, isto não seria necessariamente devido à capacitação profissional, mas a uma maior maturidade e capacidade de adaptação às demandas de um trabalho formal. Em várias entrevistas apareceu a ideia de que a meta era “educar” os jovens de maneira ampla.

Por outro lado, os instrutores especializados em construção civil avaliaram que o tempo de treinamento técnico neste tema e a experiência obtida eram reduzidos demais para esperar que os jovens pudessem obter um trabalho no mercado de trabalho nesta área. “Concretamente, se hoje os jovens recebem uns 6 dias de treinamento técnico em construção civil, seriam necessários pelo menos 3 meses de instrução técnica para conseguir um trabalho na construção”.

9. Os técnicos envolvidos demonstraram um alto nível de identificação com o PJC e o avaliaram, em termos gerais, de forma muito positiva. Na visão deles, o programa é também bem avaliado pelos beneficiários e suas famílias. Por outro lado, eles percebem que os financiadores e outras instituições públicas o consideram relativamente caro em termos de custo por beneficiário. Tal perspectiva tem levado os gestores a explorar possíveis adaptações do programa para torná-lo mais curto. Entretanto, eles consideram que uma redução significativa do tempo ou dos recursos empregados poderia comprometer a integridade do programa e seus objetivos.

10. Embora o projeto conte com alguns mecanismos de monitoramento, a avaliação de impacto é percebida como uma imposição dos financiadores e não um objetivo da própria organização. Especificamente, a ideia de uma seleção aleatória dos participantes no programa, de modo a criar um grupo de controle que permitisse a avaliação de impacto, é alheia à tradição institucional e contrária à vontade de empoderar as instituições locais que colaboram com o CEDAPS. Assim, nas experiências anteriores eram as instituições ou as lideranças locais as que selecionavam os participantes, o que, na visão dos técnicos, permitia uma seleção mais precisa em termos de necessidade individual e contribuía para o fortalecimento do vínculo entre o projeto, a organização comunitária e a própria comunidade. Na primeira turma do projeto (1ª turma do Borel) inclusive, os jovens já tinham sido selecionados e sido comunicados quando chegou a demanda do financiador de introduzir uma seleção aleatória, de forma que o CEDAPS negociou para manter essa turma tal como estava, descartando-a do processo de avaliação.

Após as entrevistas com técnicos e gestores realizamos **dois grupos focais com jovens que participaram no programa**¹⁴. No total, participaram nos dois grupos 19 jovens. Eles e elas pertenciam à primeira turma do programa que não faz parte da avaliação, em função do tipo de processo de seleção já mencionado, que não contemplou o sorteio aleatório.

As conclusões mais relevantes dos grupos focais com os jovens participantes podem ser resumidas da forma seguinte:

1. Muitos jovens aparentemente não estudavam nem trabalhavam na época em que decidiram participar no programa Jovem Construtor, embora uma parte estivesse estudando.
2. Os jovens, na sua maioria, declararam que participaram no curso “porque foram inscritos”, isto é, simplesmente porque surgiu essa oportunidade, embora alguns deles tivessem de fato interesse no tema da construção civil. Isto revela que não existem muitas oportunidades desse tipo nas suas comunidades, particularmente no que diz respeito a cursos profissionalizantes. De fato, os jovens relataram que os programas disponíveis para eles e elas, quando existem, tendem a ser sobre esportes ou sobre cultura. Alguns dos jovens revelaram que foram inscritos no curso pelos seus familiares, isto é, que foram inicialmente meio que forçados a participar, embora depois tivessem escolhido continuar. Isto revela um grau reduzido de independência e autonomia pessoais.
3. Embora o pagamento de bolsa mensal e o valor pago para fazer a obra na sua casa sejam uma motivação relevante para os participantes, muitos deles relataram que não sabiam *a priori* que receberiam uma bolsa. Presumivelmente, as novas turmas devem ter tido acesso a esta informação antes de iniciar sua participação.
4. Os participantes do grupo focal gostaram dos conteúdos do curso. Também valorizaram o componente social, ou seja, o fato de ter conformado um grupo que, a despeito da interferência de alguns membros que sempre ‘faziam bagunça’, incrementou e melhorou as relações entre eles. Para alguns deles, ser um “Jovem Construtor” é uma espécie de identidade permanente e positiva. De forma geral, a dimensão social parecia central na avaliação que faziam do curso, tanto no sentido positivo (“enturmação”, bom clima) quanto negativo (incidentes com alguns ‘bagunceiros’ e jovens preconceituosos em algumas turmas, por exemplo, no que diz respeito a relações homoafetivas). Nesta turma, cujos jovens participaram do grupo focal, 2 ou 3 meninos “causadores de problemas” acabaram abandonando o programa.

¹⁴ O roteiro dos Grupos Focais pode ser examinado no Apêndice 5.

5. Quando perguntados sobre os conteúdos favoritos, destacavam aqueles relativos à construção civil. Esse aspecto prático do curso foi muito bem avaliado. Também gostaram das aulas sobre primeiros auxílios, da formação sobre saúde e, particularmente, do treinamento sobre como fazer um curriculum e como se comportar em entrevistas de trabalho. Dessa forma, houve uma certa convergência com o manifestado pelos técnicos do programa no sentido de que o objetivo não era introduzi-los no mercado de trabalho necessariamente através da formação técnica, mas de uma formação mais geral para se adaptar às necessidades desse mercado. A forma de se comportar nos grupos focais (concretamente num dos dois grupos realizados), com constantes interrupções e brincadeiras, revelou que muitos eles ainda possuem um nível de maturidade limitado.
6. A relação com os técnicos parece ter sido consensualmente positiva. Os jovens valorizam a atenção e o trato recebidos. As queixas recebidas foram sempre em relação aos colegas participantes e não em relação ao pessoal técnico.
7. Em particular, alguns jovens relataram que apreciaram muito a experiência por ser a primeira vez que não se referiam a eles de forma autoritária (como eles estão acostumados a serem tratados em outros ambientes), mas dialogaram, os enxergaram e os ouviram.
8. Quando perguntamos sobre os aspectos mais negativos do Programa Jovem Construtor, ou aqueles que poderiam ser melhorados no futuro, foi difícil obter respostas concretas. O ponto mais destacado foi a qualidade do lanche, que, pelo menos inicialmente, não teria sido satisfatória. Outra sugestão que apareceu em várias ocasiões foi uma maior duração do curso para poder aprofundar nos seus conteúdos, especialmente na área de construção civil.
9. Todos os jovens relataram que foram contatados pelos técnicos do Programa Jovem Construtores em relação a ofertas de emprego, geralmente relacionadas ao programa Jovem Aprendiz. Entretanto, esse programa parece ter algumas limitações, como por exemplo a idade, que o tornam inviável para parte dos jovens. Os contatos desses jovens com os técnicos do PJC continuaram até o momento em que os grupos foram realizados.
10. Os jovens confirmaram que a formação que receberam em construção civil não lhes permitia encontrar um trabalho nessa área, apenas realizar reformas nas suas casas. De fato, praticamente nenhum dos jovens participantes dos grupos focais estava trabalhando na construção civil naquele momento.
11. Outra coincidência entre a visão dos técnicos e a dos jovens é o destaque para a obra realizada pelos jovens na comunidade, o chamado “ativo comunitário”, como um diferencial em relação a outros projetos no sentido de apresentar um resultado concreto não apenas para os participantes, mas para a comunidade no seu conjunto.
12. O impacto do programa sobre a relação dos jovens com a escola parece ter sido limitado, pois muito poucos manifestaram que a participação no programa teria tido influência na sua trajetória escolar.

Ou seja, no trabalho qualitativo com gestores, instrutores e participantes do PJC, verificamos um alto nível de engajamento com a proposta do programa, em que as perspectivas dos vários grupos se alinharam. O carinho demonstrado pela maioria dos jovens ao se referirem ao programa em si, ou aos instrutores e, sobretudo, aos responsáveis pela atividade de aconselhamento sugerem a importância que o programa teve em suas vidas, como uma oportunidade de treinamento vocacional em que os jovens não apenas foram “treinados”, mas também foram ouvidos.

5. Resultados da avaliação de impacto

5.1 As características dos jovens dos grupos de tratamento e controle

As tabelas no Apêndice 2, com base nas informações das fichas de pré-inscrição, indicam que as amostras de tratamento e controle, obtidas a partir de um sorteio aleatório, não apresentaram diferenças significativas, em relação à inúmeros aspectos socioeconômicos e demográficos observados no momento da inscrição dos jovens, o que foi confirmado, com base nas respostas dos jovens aos questionários aplicados para a presente avaliação.

Na Tabela 3 apresentamos algumas características dos jovens entrevistados, discriminadas segundo a amostra a qual pertencem, ou seja: aqueles que participaram do programa (tratamento) e os que não participaram do programa (controle). Em ambos os grupos, a metade dos jovens é do sexo masculino e quase 80% se auto declaram de cor preta (47,5% no tratamento e 51,5% no controle) ou parda (36,0% no tratamento e 34,9% no controle). Apesar da pouca idade, média de 20 anos, aproximadamente 30% dos jovens possuem filhos cuja média de idade do filho mais novo é de 2 anos. Em ambos os grupos, mais de 90% dos entrevistados possuem mãe viva; mais de 65% moram com a mãe; e somente a +minoria mora com o pai (26,0% no tratamento e 34,3% no controle). Quase a metade das mães desses jovens não possuem o ensino fundamental completo (44,2% no tratamento e 52,0% no controle).

Em relação à escolaridade, 42,4% dos jovens que participaram do programa e 41,3% pertencentes ao grupo de controle estavam matriculados na escola. Sendo que 80% desses cursavam o ensino médio.

Entre os jovens que não estavam matriculados na escola, a maior parte já possuía o ensino fundamental completo. Os três principais motivos alegados pelos jovens que ainda não concluíram o ensino médio para não estarem matriculados na escola são: “não tenho tempo devido ao trabalho”, “não consegui fazer a matrícula¹⁵” e “preciso cuidar da casa, do filho ou de outras pessoas”.

Quase 80% dos jovens de ambos os grupos já repetiram o ano ao menos uma vez (81,6% no tratamento e 78,5% no controle). Apenas 33,6% dos jovens participantes do programa já tinham feito algum curso profissionalizante antes de se inscrever no programa, ao passo que esse índice era 10 pontos percentuais superior no grupo de controle.

Basicamente, como seria de esperar não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre as características dos jovens nos grupos de tratamento e controle. A exceção foi relativa à questão se a mãe era viva e sua idade. Por outro lado, no que diz respeito ao último grau cursado daqueles jovens que não estavam matriculados na escola, enquanto os pertencentes ao tratamento possuíam um índice maior no fundamental, a proporção com ensino médio no grupo de controle foi superior.

¹⁵ É importante salientar a grande proporção de jovens que não conseguiram fazer a matrícula na escola pública. Segundo inúmeras narrativas, trata-se de dificuldades burocráticas impostas pela escola ou simplesmente negativa de aceitação da matrícula do jovem, geralmente porque o mesmo repetiu ano escolar. Deste modo, o próprio Estado trata de discriminar, segregar e obstaculizar a trajetória educacional do jovem que mais precisa, exatamente por pertencer aos estratos inferiores de renda e residir nas regiões mais vulneráveis socioeconomicamente e em termos de violência.

Tabela 3 - Características dos jovens entrevistados na amostra

Características	Tratamento	Controle	Diferença	P-VALOR
<u>Local de residência (%)</u>				
Borel	63,31	37,28	-	-
Mangueira	36,69	62,72	-	-
<u>Cor/raça (%)</u>				
Branca	8,63	8,28	0,00	0,793
Preta	47,48	51,48	-0,04	0,625
Amarela	4,32	2,96	0,01	0,651
Parda	35,97	34,91	0,01	0,783
Índio	3,60	2,37	0,01	0,651
Masculino (%)	51,80	47,02	0,05	0,564
<u>Idade (%)</u>				
15 anos ou menos	0,74	0,59	0,00	0,788
16 a 18 anos	22,79	28,40	-0,06	0,430
19 a 21 anos	47,79	42,01	0,06	0,479
23 anos ou mais	28,68	28,99	0,00	0,796
Média da idade	20,30	20,40	-0,10	0,777
Possui mãe viva (%)	99,28	93,49	0,06	0,027
Média da idade da mãe viva	43,35	44,70		0,080
<u>mora com: (%)</u>				
Mãe sem o pai	45,65	34,94	0,11	0,131
Mãe e o pai	22,46	30,12	-0,08	0,258
Pai sem a mãe	3,62	4,22	-0,01	0,770
Avós sem os pais	4,35	7,23	-0,03	0,455
<u>Nível de escolaridade da sua mãe (%)</u>				
Não estudou	4,35	1,78	0,03	0,330
Fundamental incompleto	39,86	50,30	-0,10	0,150
Fundamental completo	9,42	6,51	0,03	0,510
Médio incompleto	15,22	10,06	0,05	0,314
Médio completo	13,77	14,79	-0,01	0,772
Superior	3,62	4,14	-0,01	0,776
Não sei	13,77	11,83	0,02	0,702
Tem filhos (%)	33,09	30,36	0,03	0,699
<u>Entre os que possuem filhos</u>				
média do número de filhos	1,43	1,25	0,18	0,269
média da idade do filho mais novo	2,18	2,33	-0,15	0,776
<u>Frequentou alguma vez a creche (%)</u>				
Sim	82,73	78,70	0,04	0,537
Não	15,83	13,61	0,02	0,686
Não sei	1,44	7,69	-0,06	0,032
Média da idade	4,10	4,54	-0,44	0,022
Está matriculado na escola (%)	42,45	41,32	0,01	0,782
<u>Grau escolar se estiver matriculado na escola (%)</u>				
Ensino fundamental	16,07	11,94	0,04	0,641
Ensino médio	83,93	88,06	-0,04	0,641
<u>Motivo para não estar matriculado na escola (máximo 3 opções) (%)</u>				
Conclui o ensino médio/ nível de estudo que desejava	39,24	38,78	0,00	0,796
Preciso cuidar da casa, do filho ou de outras pessoas	17,72	18,37	-0,01	0,793
Gravidez (própria ou da companheira)	11,39	6,12	0,05	0,365
Tenho um problemas de saúde ou uma deficiência que impossibilita estudar	0,00	1,02	-0,01	0,532
A escola é chata, não me interessa ou não tenho interesse em estudar	5,06	1,02	0,04	0,217
Fui expulso da escola	7,59	5,10	0,02	0,632
Fui vítima de discriminação ou violência no ambiente escolar	2,53	3,06	-0,01	0,780
Não tenho tempo devido ao trabalho	20,25	20,41	0,00	0,798
Não consegui fazer a matrícula	20,25	21,43	-0,01	0,783
outros	15,19	15,31	0,00	0,798
<u>Entre os que não estão matriculados na escola, último grau cursado (%)</u>				
Ensino fundamental	44,16	23,40	0,21	0,013
Ensino médio	54,55	69,15	-0,15	0,116
Ensino superior	1,30	7,45	-0,06	0,133
Já repetiu alguma vez um ano na escola (%)	81,62	78,53	0,03	0,640
Média do número de vezes, entre os que já repetiram	1,62	1,58	0,04	0,515
Fez algum curso profissionalizante, fora do ensino regular, antes de preencher o cadastro para participar do programa "Jovens Construtores" (%)	33,58	43,45	-0,10	0,174

Fonte: Elaboração dos autores

5.2 Avaliação (não experimental) do programa, segundo os participantes do programa

A Tabela 4 apresenta as respostas dos jovens que participaram do programa sobre como os mesmos avaliam PJC.

Podemos perceber que houve uma grande adesão às atividades por parte dos participantes, uma vez que 53% dos inscritos participaram de mais de 90% das atividades; e que 84% participaram de mais de 75% das atividades. Apenas 4% relataram participar de menos de 50% das atividades.

Houve um grande comprometimento dos participantes com o projeto, indicando que 93% deles permaneceram no projeto até a sua conclusão. Trata-se de um índice bastante superior ao encontrado nos programas similares do *YouthBuild* desenvolvidos nos EUA. Enquanto informações do *YouthBuild*¹⁶, indicaram que 72% dos jovens concluíam o programa, Miller et al. (2016) encontraram uma proporção de 50%.

Após a conclusão do curso, quase a metade dos participantes afirmou ainda manter um contato frequente ou muito frequente com a equipe do programa até o momento das entrevistas e apenas 4,3% dos participantes não tiveram mais contato com a equipe do PJC.

Em relação à inserção dos jovens no mercado de trabalho, 36% dos participantes atestam que o programa os ajudou a conseguir um emprego. Estes ainda relataram ter ficado neste emprego em média por 6 meses¹⁷.

Por fim, os participantes foram instados a avaliarem o programa dando uma nota de 0 a 10 para uma avaliação geral do Programa Jovem Construtor; para a busca de emprego realizada pela equipe; e para o impacto do programa na vida dos participantes. Podemos notar que os participantes avaliaram de forma extremamente positiva todos os

¹⁶ <https://www.youthbuild.org/our-impact>.

¹⁷ Possivelmente esta estatística é enviesada (truncada), uma vez que as entrevistas foram feitas num período entre 4 e 10 meses após o final do período de colocação, sendo que muitos jovens ainda continuavam no mesmo posto de trabalho.

aspectos perguntados: a avaliação geral obteve uma média de 9,3, enquanto que busca pelo emprego¹⁸ obteve uma média 7,7 e o impacto na vida obteve uma média de 9,0.

Analisando os *boxplots* (Gráfico 2), podemos ressaltar que a mediana dos entrevistados conferiu nota máxima para os itens avaliação geral e impacto na sua vida, reforçando a grande satisfação dos participantes com o projeto, como dito anteriormente. A nota mediana da busca por emprego foi bastante elevada também, 9 pontos. Sendo assim, percebemos a extrema satisfação dos participantes do projeto.

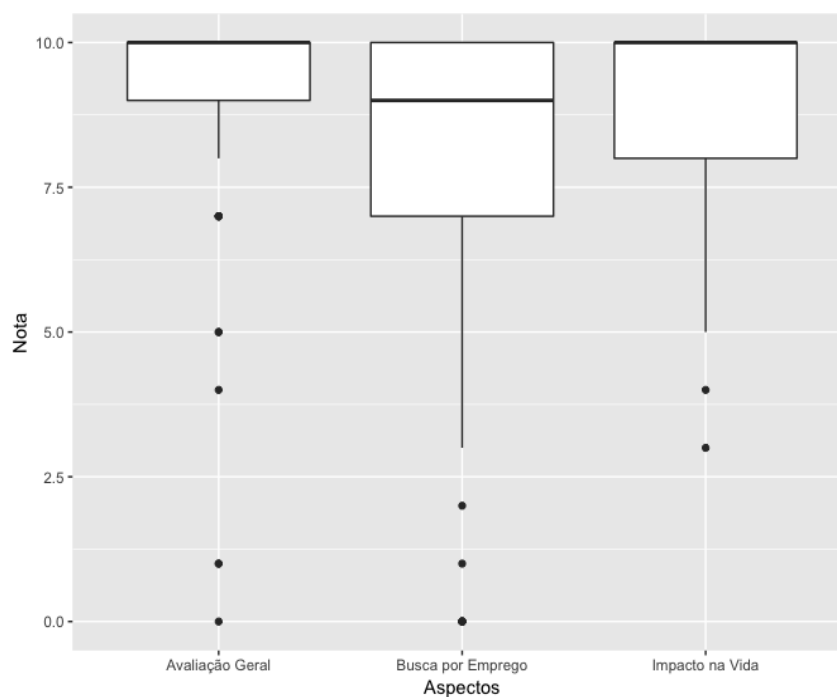
Tabela 4 - Avaliação (não experimental) feita pelos jovens que participaram do PJC

Questões	Respostas (%)
Você esteve presente no local do curso ou nas atividades planejadas no PJC em ...	
Menos da metade das atividades	3,62
Entre 50% e 75% das atividades	11,59
Entre 75% e 90% das atividades	30,43
Mais de 90% das atividades	52,90
Não sei	1,45
Você permaneceu no programa até a conclusão?	
sim	93,48
não	6,52
Se você não concluiu o programa, você pode nos informar o principal motivo:	
Conflitos com colegas	14,29
Conseguiu emprego	14,29
Conseguiu uma oportunidade de emprego	14,29
Foi fazer jovem aprendiz	14,29
Questões pessoais	14,29
Foi embora do morro por questões pessoais	14,29
Trabalho	14,29
Com que frequência você teve contato com alguém da equipe do programa jovem construtor depois que acabou a sua participação no programa? (%)	
Não voltei a ter contato	4,35
Raramente	15,94
De vez em quando	31,88
Frequentemente	22,46
Muito Frequentemente	25,36
O Programa Jovem Construtor ajudou a conseguir um emprego, seja durante a sua participação no Programa ou posteriormente? (%)	
sim	36,23
não	63,77
Se sim, quantos meses ficou no total no você ficou no(s) trabalho(s) que o Programa Jovem Construtor procurou para você?	
média de meses	6,02
De uma nota de 0 a 10, de acordo com a sua AVALIAÇÃO que você faz da busca de emprego que o Programa Jovem Construtor fez para você	7,75
De uma nota de 0 a 10, de acordo com a sua AVALIAÇÃO GERAL do Programa Jovem Construtor	9,32
De uma nota de 0 a 10, de acordo com o IMPACTO que o programa teve na sua vida.	8,97

Fonte: Elaboração própria

¹⁸ Note que o período de aplicação do PJC se deu em um dos períodos com maiores taxas de desemprego na história do Rio de Janeiro, em face da prolongada recessão que o país veio vivendo desde 2015, onde a face mais agudizada da crise se deu exatamente no estado do Rio de Janeiro, com sua virtual falência e um acordo de recuperação fiscal firmado com a União.

Gráfico 2: *Boxplot* das notas dos participantes dos projetos para uma avaliação geral do projeto, sobre a busca de emprego que o projeto realizou e sobre o impacto na vida dos participantes.



Fonte: Elaboração dos autores

5.3 Impactos do programa jovens construtores

Em relação ao impacto do programa foram analisadas cinco diferentes dimensões: a) vínculo educacional; b) vínculo ao trabalho; c) participação comunitária; d) valores, atitudes e aspectos emocionais; e e) violência e envolvimento com justiça criminal.

Conforme apontado na seção 5.1, a metodologia adotada para a estimação do impacto do programa baseia-se na diferença entre as médias dos valores dos participantes do programa (tratamento) em relação ao grupo de controle, para cada uma das variáveis de resultado de interesse. Seguindo a abordagem de Miller et al. (2016), testamos estatisticamente, com base numa análise de regressão, se é possível rejeitar a hipótese nula que essa diferença seja igual zero ao nível significância de 5%. Caso o p-valor resulte inferior ou igual 0,05, diremos que o programa apresenta impacto significativo sob essa

variável de resultado¹⁹. O p-valor considerado refere-se ao do coeficiente estimado da variável indicadora da participação do programa.

Em relação à dimensão “valores, atitudes e aspectos emocionais”, ao invés de utilizar alguma métrica de agregação *ad hoc* para as 17 perguntas do questionário relacionadas a esse tema, optamos por adotar, previamente, um método de análise fatorial, de modo a permitir que o próprio modelo estatístico revelasse as potenciais variáveis latentes, que dizem respeito à visão, valores e atitudes dos jovens. A descrição completa da construção desses fatores se encontra no Apêndice 3.

Com base nesse modelo, foram reveladas quatro variáveis latentes, que chamamos de: a) autoestima; b) satisfação com vida pessoal e profissional; c) satisfação com a imagem e saúde; e d) crença na competência. Em seguida, com base nas variáveis latentes e nos pesos como cada item compõe a variável, calculamos para cada indivíduo uma nota associada a cada uma dessas variáveis latentes que foram, num segundo momento, utilizadas na regressão linear, a fim de se estimar o impacto do programa²⁰.

O primeiro fator, ou variável latente, está relacionado com a autoestima de uma maneira em geral. Composto essa variável, cinco itens foram associados, sendo que três deles possuíam uma conotação negativa [“Eu sinto que eu não tenho muito do que me orgulhar”; “Eu me sinto inútil às vezes”; e “no geral, eu estou inclinado a me sentir como um fracassado“]. Quanto maior a discordância do jovem em relação a esses itens, maior a nota, o que contribuiu para que os mesmos tivessem cargas fatoriais positivas. Por outro lado, uma nota alta associada a dois outros itens [“O que uma pessoa conquista na vida é principalmente uma questão de destino ou sorte”; e “Tenho pouco controle sobre as coisas que acontecem na minha vida”] implica em maior concordância com a percepção desses jovens de não terem controle sobre suas vidas, fazendo com que tais itens tenham cargas fatoriais negativas. Deste modo, a interpretação é que indivíduos com pontuações

¹⁹ Onde consideramos como controles o local de residência, a idade, sexo, raça-cor, nível de escolaridade, se mora com os pais e se tem filhos.

²⁰ Como essas quatro variáveis latentes construídas são contínuas, ao invés do modelo de regressão logística utilizamos um modelo de regressão linear para o cálculo do p-valor do teste, sendo que as variáveis de controle permaneceram as mesmas.

baixas no escore deste fator possuem baixa autoestima ou não acreditam ter controle sobre suas vidas.

Já o segundo fator está relacionado com satisfação com a vida pessoal e profissional. De modo que, as suas cargas fatoriais positivas estão associadas aos itens de satisfação em relação aos “Estudos”, “Trabalho” e “Situação econômica”, em que pontuação mais alta significa muito satisfeito. Por outro lado, uma nota alta (que significa discordância) no quesito “no geral, eu estou satisfeito comigo mesmo” implica em uma carga fatorial negativa. Deste modo, indivíduos com pontuações altas nesse fator demonstram estar muito satisfeitos com sua vida pessoal.

O terceiro fator está associado com a satisfação com a imagem e saúde. As cargas fatoriais são positivas indicando que pontuações altas neste fator indicam que os indivíduos estão muito satisfeitos com seu corpo e saúde.

Já o quarto fator está relacionado com a crença na competência. De modo que, a sua carga fatorial positiva está associada ao item “As oportunidades que eu tenho na vida dependem de circunstâncias sociais”, em que pontuação mais baixa significa discordância total e as cargas fatoriais negativas estão associadas aos itens “Eu sou tão apto a fazer coisas como a maioria das pessoas” e “Eu sinto que tenho no mínimo tanto valor quanto qualquer outra pessoa”, em que a pontuação mais baixa está associada com concordo totalmente. Deste modo, indivíduos com pontuações baixas nesse fator demonstram crer que são tão competentes, bem como tem tanto valor quanto qualquer outra pessoa; e não dependem dos outros.

5.3.1 Resultados

A Tabela 5 apresenta as principais estimativas do impacto do programa em relação às cinco diferentes dimensões, conforme apontados anteriormente²¹.

No que se refere à educação, enquanto 42,4% dos jovens construtores estavam matriculados no ensino básico, esse índice foi de 41,3% para o grupo de controle, uma diferença de 1,1 ponto percentual não significativa. Quanto às expectativas e interesse

²¹ Os resultados das regressões logísticas em que foram calculados o p-valor dos testes estatísticos estão no Apêndice 8.

em frequentar uma universidade, também não encontramos diferenças significativas entre os grupos.

Por outro lado, aparentemente, o programa despertou nos “jovens construtores” um interesse em aderir a outros cursos vocacionais e profissionalizantes, uma vez que evidenciamos diferenças estatisticamente significativas em relação ao grupo de controle, na ordem de 18,4 pontos percentuais.

Tabela 5 - Impactos do programa Jovens Construtores

Resultados	Participantes do programa (%)	Grupo de controle (%)	Diferença em p. p.	P-valor	razão de chances (impacto)
Educação					
Estão matriculados na escola ou na faculdade**	42,45	41,32	1,13	0,423	
Pensam em fazer faculdade	80,15	85,03	-4,88	0,542	
Fez algum curso profissionalizante, fora do ensino regular, DEPOIS de preencher o cadastro para participar do programa "Jovens Construtores"	35,77	17,37	18,40	6,57E-05	3,45
Chances de se matricular em um curso profissionalizante nos próximos 24 meses (se já está matriculado, ou respondeu provável ou muito provável)	75,00	74,38	0,62	0,542	
Trabalho					
Está trabalhando ou estudando	75,00	65,62	9,38	0,032	2,00
Na semana passada, estava trabalhando em alguma atividade remunerada	61,86	52,59	9,28	0,006	1,98
Já trabalhou alguma vez em alguma atividade remunerada	84,89	68,64	16,25	0,003	
Violência e envolvimento com justiça criminal					
Desde de que preencheu o cadastro, foi levado alguma vez para delegacia acusado de alguma coisa ou se envolveu em alguma briga física	11,36	12,68	-1,32	0,597	
Participação comunitária					
Participa de atividades/projetos na comunidade ou participa de algum outro grupo (Grêmio, Movimento Estudantil, Igreja, Centro Religioso, etc.)	11,36	12,68	-1,32	0,409	
Satisfação pessoal e profissional					
Autoestima (média)	6,17	5,99	0,05	0,259	
Satisfação com a vida pessoal e profissional (média)	5,46	5,13	0,17	0,031	
Satisfação com a imagem e saúde (média)	8,27	8,04	0,08	0,381	
Crença na competência (média)	6,37	6,14	0,09	0,259	

Fonte: Elaboração dos autores.

Verificamos que os impactos mais substanciais do PJC se deram no campo da vinculação do jovem ao mercado de trabalho. Ao nível de 5% de significância, encontramos diferenças entre os dois grupos, no que diz respeito ao fato do jovem estar estudando ou trabalhando. Enquanto 75% dos jovens que participaram do programa possuíam algum vínculo na escola ou no mercado de trabalho, esse índice era de 65,6% para o grupo de controle. Trata-se de um importante resultado, ainda mais quando constatamos a gravidade do problema dos jovens *nem-nem*, que somam 23% no Brasil, sendo que no Rio de Janeiro e, em particular, nas favelas esse problema tende a ser ainda mais grave.

Certamente esse resultado é fortemente influenciado pelo impacto que o PJC teve para possibilitar o acesso ao mercado de trabalho aos jovens. Como se pode observar na Tabela 3, enquanto 61,9% dos participantes do PJC estavam trabalhando na semana anterior à entrevista, esse índice era 9,3 pontos percentuais menor em relação ao grupo de controle, numa diferença estatisticamente significativa ao nível de 1%.

Tendo em vista a alta rotatividade do trabalho do jovem, além da questão se o mesmo trabalhava na semana anterior à entrevista, perguntamos se o mesmo já havia trabalhado em alguma atividade remunerada. Verificamos que os 84,5% dos jovens construtores já tiveram em algum momento essa experiência, ao passo que no grupo de controle, esse índice foi 16,2 pontos percentuais abaixo, sendo que a diferença se mostrou significativa estatisticamente. Como apontamos na introdução, a superação da barreira do primeiro emprego é um dos maiores obstáculos à vinculação do jovem ao mercado de trabalho.

Por outro lado, verificamos que praticamente todos os jovens, tanto no grupo de tratamento como no de controle, recebiam rendimentos tão baixos²², que tornou inviável a análise sobre potenciais diferenças de remuneração.

Em relação à violência e envolvimento com justiça criminal, não foi encontrado impacto significativo na probabilidade do jovem se envolver em casos de agressão física ou ser levado alguma delegacia. De fato, tendo em vista a raridade estatística do fenômeno de participação em atividades criminais e comportamentos desviantes, seria esperado que não se observasse nenhuma diferença estatisticamente significante, do mesmo modo como tais diferenças não foram encontradas no trabalho de Miller et al. (2016), que utilizou uma amostra bem maior de 2.845 jovens.

No que se refere à participação comunitária, também não foi identificado qualquer diferença estatística entre os grupos dos tratados e controle.

Por fim, no que diz respeito, valores, atitudes e aspectos emocionais, não encontramos diferenças estatisticamente significativas sobre a autoestima; sobre a satisfação com a imagem e saúde; e sobre a crença na própria competência. Por outro

²² Em média, os jovens sujeito ao tratamento e ao controle recebiam, em média, 0,94 e 0,87 salários mínimos. As estatísticas encontram disponíveis no Apêndice 4.

lado, foi encontrado impacto significativo e positivo na satisfação com vida pessoal e profissional dos jovens, conforme apontado na Tabela 5, resultado que pode estar conectado com a melhora na inserção educacional e profissional dos jovens construtores, segundo nossos resultados revelaram.

6. Conclusões

Uma importante questão de políticas públicas nos países desenvolvidos e, sobretudo, naqueles em processo de desenvolvimento, se refere à transição da juventude para a idade adulta e sua inserção educacional e no mercado de trabalho. Para se ter uma magnitude do problema, no Brasil, 23% dos jovens nem estudam nem trabalham. Em particular, um obstáculo central no processo de vinculação do jovem ao mercado de trabalho diz respeito à dificuldade do primeiro emprego. A esse respeito, Reis (2014) mostrou que jovens brasileiros sem experiência laboral possuem 50% de chances de obter o primeiro emprego apenas depois de 27 meses de procura.

As consequências da desvinculação juvenil transcendem questões que dizem respeito apenas ao mercado de trabalho e a inserção educacional, mas tangenciam resultados adversos que afetam desde a produtividade nacional à alta prevalência de violência letal e criminalidade na sociedade.

O Programa Jovens Construtores (PJC) – uma adaptação do modelo *Youthbuild*, criado nos EUA e aplicado em 17 países – objetiva, primordialmente, mitigar o problema da desvinculação juvenil, sobretudo no que diz respeito à participação educacional e laboral, mas focando também no estímulo às capacidades socioemocionais e no fortalecimento dos vínculos comunitários. O público elegível é formado por jovens entre 16 e 24 anos e que vivem em situação de vulnerabilidade socioeconômica.

O presente trabalho objetivou, principalmente, fazer uma avaliação de impacto do PJC, a partir de um desenho randomizado controlado. Não obstante, nosso estudo foi complementado por uma análise qualitativa, baseada em entrevista semiestruturadas com gestores e técnicos, além de grupos focais com os jovens que participaram do programa.

Compreendendo o universo de nossa análise, para além da prospecção qualitativa, entrevistamos 311 jovens, sendo que 176 não participaram do programa e 135

participaram, sendo os mesmos escolhidos a priori por um sorteio aleatório. Esses jovens residem em duas comunidades pobres no Rio de Janeiro, onde os programas foram desenvolvidos entre 2016 e 2018, a saber no Morro do Borel e no Morro da Mangueira.

A análise qualitativa revelou um alto nível de engajamento com a proposta do programa, em que as perspectivas dos vários grupos se alinharam. O carinho demonstrado pela maioria dos jovens ao se referirem ao programa em si, ou aos instrutores indicam a importância que o programa teve em suas vidas, como uma oportunidade de treinamento vocacional em que os jovens não apenas foram “treinados”, mas também foram ouvidos.

De fato, a percepção qualitativa quanto à aprovação do programa pelos jovens foi corroborada pelos resultados dos questionários aplicados aos jovens que participaram do programa, onde os instamos a dar uma nota de 0 a 10 para três questões: a) avaliação geral do Programa Jovem Construtor; b) busca de emprego realizada pela equipe; e c) impacto do programa na vida dos participantes. Enquanto a avaliação geral obteve uma média de 9,3 (mediana igual a 10), a busca pelo emprego obteve uma média 7,7 (mediana igual a 9) e o impacto na vida obteve uma média de 9,0 (mediana igual a 10).

No que diz respeito aos impactos do programa, baseados na análise experimental randomizada, avaliamos cinco dimensões, sendo elas a) vínculo educacional; b) vínculo ao trabalho; c) participação comunitária; d) valores, atitudes e aspectos emocionais; e e) violência e envolvimento com justiça criminal.

Verificamos se havia diferenças estatisticamente significantes ao nível de 5% entre o grupo de tratamento e o de controle, para cada uma das questões associadas aos cinco blocos supramencionados. Em relação à questão dos valores, atitudes e aspectos emocionais, lançamos mão, preliminarmente, de uma análise de fator, quando recuperamos quatro variáveis latentes a partir das respostas de 17 perguntas do questionário associadas a esse tema. A partir daí, geramos scores dessas cinco variáveis para cada indivíduo, quando estimamos as diferenças entre os grupos.

No que se refere à educação, não encontramos diferenças significativas em relação à matrícula no ensino básico ou à expectativa de ingressar no ensino superior. Por outro lado, aparentemente, o programa despertou nos “jovens construtores” um interesse em aderir a outros cursos vocacionais e profissionalizantes, uma vez que evidenciamos

diferenças estatisticamente significativas em relação ao grupo de controle, na ordem de 18,4 pontos percentuais.

Contudo, os impactos mais substanciais do PJC se deram no campo da vinculação do jovem ao mercado de trabalho. Ao nível de 5% de significância, encontramos diferenças entre os dois grupos, no que diz respeito ao fato do jovem estar estudando ou trabalhando. Enquanto 75% dos jovens que participaram do programa possuíam algum vínculo na escola ou no mercado de trabalho, esse índice era de 65,6% para o grupo de controle. Trata-se de um importante resultado, ainda mais quando constatamos a gravidade do problema dos jovens *nem-nem* no Brasil, sendo que no Rio de Janeiro e, em particular, nas favelas esse problema tende a ser ainda mais grave.

No que se refere à situação atual de trabalho remunerado, no momento da entrevista, verificou-se também diferenças significativas ao nível de 1%, sendo que 61,9% dos jovens que participaram do programa estavam trabalhando naquele momento, contra um índice de 52,6% do grupo de controle. Por outro lado, devido ao conhecido problema da alta taxa de rotatividade do jovem no mercado de trabalho, perguntamos se os mesmos haviam tido outras experiências de trabalho remunerado. Verificamos que 84,9% dos jovens construtores já tinham trabalhado antes, ante 68,6% dos jovens do grupo de controle, uma diferença também significativa estatisticamente ao nível de 1%. Trata-se de uma diferença de 23,7% a mais, a favor dos tratados.

Procuramos analisar possíveis diferenças na remuneração dos dois grupos. Contudo, a quase totalidade dos jovens nos dois grupos recebia uma baixíssima remuneração, de modo que se encontraram no primeiro estrato de renda apontado no questionário, o que inviabilizou qualquer comparação estatística.

No que diz respeito ao envolvimento em violência; e ainda à participação comunitária não encontramos diferenças estatisticamente significativas entre os dois grupos.

Em relação à dimensão dos valores, atitudes e aspectos emocionais, a análise de fator revelou quatro variáveis latentes que classificamos como: “autoestima geral”; “satisfação com a vida pessoal e profissional”; “satisfação com a saúde”; e “crença na

competência”. No que se refere a essas quatro variáveis latentes, encontramos diferenças significativas apenas em relação à satisfação com a vida pessoal e profissional.

Portanto, evidenciamos nesse estudo relevantes impactos do Programa Jovens Construtores, sobretudo no que diz respeito ao grande desafio da colocação juvenil no mercado de trabalho e à superação do obstáculo de se conseguir o primeiro emprego. Tratam-se de evidências promissoras no sentido de apontar caminhos para a vinculação do jovem em situação de vulnerabilidade, um problema cuja solução transforma adversidade e risco em oportunidades e sonhos.

7. Referências

- ABRAZALDO, W., ADEFUIN, J., HENDERSON-FRAKES, J., LEA, C., LEUFGEN, J., LEWIS-CHARP, H., SOUKAMNEUTH, S., AND WIEGAND, A. (2009). Evaluation of the YouthBuild Youth Offender Grants: Final Report. Washington, DC: U.S. Department of Labor, Employment and Training Administration.
- CERQUEIRA, D. R. C. (2014). Causas e Consequências do Crime no Brasil. Prêmio BNDES de Tese de doutorado. BNDES. Rio de Janeiro, 2014.
- CERQUEIRA, D.; MOURA, R. L. (2014). Oportunidades para o jovem no mercado de trabalho e homicídios no Brasil. In: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Org.). Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros. Brasília: Ipea, 2014.
- COHEN, Mark e PIQUERO, Alex (2008). Costs and Benefits of a Targeted Intervention Program for Youthful Offenders: The YouthBuild USA Offender Project.
- COSTA, Joana; ROCHA, Enid e SILVA, Claudia (2018). Voces de la juventud en Brasil: aspiraciones y prioridades *in* Millennials en América Latina y el Caribe: ¿trabajar o estudiar? / Rafael Novella, Andrea Repetto, Carolina Robino, Graciana Rucci, editores.
- HOLGADO-TELLO, F. C., CHACÓN-MOSCOSO, S., BARBERO-GARCÍA, I., & VILA-ABAD E. (2010). Polychoric versus Pearson correlations in exploratory and confirmatory factor analysis of ordinal variables. *Quality and quantity*, 44 (1), 153-166.
- HAHN, A., LEAVITT, T., MCNAMARA J., HORVAT, E., and EARL, D. (2004). Life After YouthBuild: 900 YouthBuild Graduates Reflect on their Lives, Dreams and Experiences. Somerville, MA: YouthBuild USA.
- HORN, J. L. (1965). A rationale and technique for estimating the number of factors in factor analysis. *Psychometrika*, 30(1), 179-185.

LEVINE, Peter (2012). Pathways into Leadership: A Study of YouthBuild Graduates. Medford, MA: Tufts University, Center for Information and Research on Civic Learning and Engagement.

MIDLING, Michael J. e LEUFGEN, Jillianne 2010. An Analysis of GED Attainment at YouthBuild AmeriCorps Programs, SPR - Social Policy Research Associates.

MILLER, Cynthia; MILLENKY, Megan; SCHWARTZ, Lisa; LISBETH, Goble e STEIN Jillian. (2016). Building a Future Interim Impact Findings from the YouthBuild Evaluation. Mdr ed. November 2016. Disponível em: https://www.mdrc.org/sites/default/files/YouthBuild_Interim_Report_2016_508.pdf

MINNESOTA DEPARTMENT OF EMPLOYMENT AND ECONOMIC DEVELOPMENT. Office of Community-Based Services (2004). 2003 Minnesota YOUTHBUILD Report. February, 2004. Disponível em: <https://www.leg.state.mn.us/docs/2006/mandated/060372.pdf>

MITCHELL, Maxine V.; JENKINS, Davis; NGUYEN, Dao; LERMAN, Alona e DEBERRY, Marian (2003). Evaluation of the Youthbuild Program. Applied Real Estate Analysis, Inc. August, 2003. Chicago, Illinois.

NERI, Marcelo Côrtes (2010). Desigualdades e Favelas Cariocas: a Cidade Partida está se Integrando? Rio de Janeiro, FGV. CPS.

REIS, Mauricio Cortez (2014). Uma Análise das Características do Primeiro Emprego nas Regiões Metropolitanas Brasileiras (cap. 4). In: CORSEUIL, C. H.; BOTELHO, R. U. (Org.). Desafios à trajetória profissional dos jovens brasileiros. Brasília: Ipea, 2014.

WRIGHT, A. (2001). The YouthBuild Welfare to Work Program: Its Outcomes and Policy Implications. Somerville, MA: YouthBuild USA.

8. Apêndices

Apêndice 1

Informações nas fichas de pré-inscrição	
Nome	Cpf
Endereço	Título de eleitor
Telefones de contato	Carteira de trabalho
Celular	Certificado de reservista
Whatsapp	Número de pessoas no lar
Facebook	Com quem você mora
Email	Facilidades em casa (Tipo e número de eletrodomésticos e aparelhos eletrônicos)
Sexo	Estado civil
Data de nascimento	Filhos
Idade	Estuda
Onde você nasceu	Turno
Comunidade	Escola
Bairro	Última série completa
Raça/Cor	Trabalha
Identidade	Já trabalhou
Órgão emissor	Pensa em fazer faculdade?
Fonte: Elaboração Dos Autores	

Apêndice 2

Testes de hipótese associados aos sorteios aleatórios para a participação do PJC no Borel e na Mangueira

Informações no momento da pré-inscrição subdivididas no sorteio aleatório - BOREL

Label	N_CONTROLE	N_TRATAMENTO	MEDIA_CONTROLE	MEDIA_TRATAMENTO	(P-VALOR)
Dummy possui carteira assinada	42	67	0,275	0,215	0,1713
Dummy é solteiro (vs casado ou outro)	67	92	0,838	0,76	0,4695
Idade	80	120	18,8	18,4	0,2737
Dummy tem energia elétrica	68	94	0,812	0,76	0,4359
Dummy tem freezer	68	94	0,338	0,215	0,1137
Dummy tem geladeira	68	94	0,8	0,719	0,6933
Dummy tem internet	68	94	0,525	0,446	0,5829
Dummy tem telefone fixo	68	94	0,362	0,314	0,7789
Dummy tem TV	68	94	0,775	0,719	0,7552
Último ano completo na escola	63	90	9,57	9,5	0,7966
Dummy se estuda	78	118	0,5	0,521	0,774
Dummy tem experiência em construção civil	76	119	0,262	0,264	0,9105
Expectativa de vida	67	91	84,8	83,2	0,5705
Dummy tem filhos	67	95	0,188	0,09	0,079
Dummy participa na comunidade	78	118	0,15	0,174	0,6571
Dummy pensa em fazer faculdade	69	92	0,662	0,579	0,6536
Sexo == feminino	79	118	0,362	0,405	0,499
Assinou o termo de acordo para participação	68	93	0,825	0,752	0,7558
Dummy se vê trabalhando mais de 10 anos	67	94	0,8	0,719	0,4269
Dummy se trabalha	79	117	0,1	0,09	0,8682
Dummy se trabalhou	63	94	0,462	0,545	0,1459

Fonte: Elaboração dos autores, com base nas informações das fichas de pré-inscrição para as turmas do PJC no Borel

Informações no momento da pré-inscrição subdivididas no sorteio aleatório - MANGUEIRA

Label	N_CONTROLE	N_TRATAMENTO	MEDIA_CONTROLE	MEDIA_TRATAMENTO	(P-VALOR)
Dummy possui carteira assinada					
Dummy é solteiro (vs casado ou outro)	272	59	0,982	0,917	0,05832
Idade	273	58	19,2	20,3	0,53
Dummy tem energia elétrica	276	60	0,978	1	0,01404
Dummy tem freezer	276	60	0,0688	0,0667	0,9518
Dummy tem geladeira	276	60	0,953	0,917	0,3457
Dummy tem internet	276	60	0,236	0,267	0,6222
Dummy tem telefone fixo	276	60	0,167	0,15	0,7476
Dummy tem TV	276	60	0,783	0,767	0,7925
Último ano completo na escola	248	53	9,31	9,4	0,7855
Dummy se estuda	269	59	0,547	0,533	0,7932
Dummy tem experiência em construção civil	269	59	0,0543	0,0333	0,4299
Expectativa de vida	257	55	95,2	92,1	0,4662
Dummy tem filhos	276	59	0,199	0,217	0,7243
Dummy participa na comunidade	270	60	0,029	0,05	0,502
Dummy pensa em fazer faculdade	274	60	0,862	0,9	0,4782
Sexo == feminino	275	60	0,54	0,617	0,2885
Assinou o termo de acordo para participação	276	60	0,967	0,967	0,9776
Dummy se vê trabalhando mais de 10 anos	255	55	0,866	0,833	0,5044
Dummy se trabalha	269	59	0,0399	0,1	0,1473
Dummy se trabalhou	229	49	0,243	0,183	0,3153

Fonte: Elaboração dos autores, com base nas informações das fichas de pré-inscrição para as turmas do PJC na Mangueira

Apêndice 3

Modelo de Análise fatorial para a definição de variáveis latentes associadas aos valores, atitudes e aspectos emocionais dos jovens

Foi realizada uma análise fatorial exploratória (AFE) com rotação varimax baseada na matriz de correlação policórica, pois os dados são provenientes de uma escala Likert (Holgado-Tello et. al., 2010). Os parâmetros da AFE foram estimados usando o método de mínimos quadrados ordinários. Os resultados da AFE com imputação dos dados faltantes por meio da mediana apresentou resultados muito semelhantes a análise que considerava somente indivíduos com dados completos, devido ao pequeno número de dados faltantes. Aqui serão apresentados os resultados com os dados imputados. Foram considerados na análise 17 itens e 307 indivíduos. As análises foram realizadas no software R e foi assumido um nível de significância de 0,05 para todas as análises realizadas.

O critério das análises paralelas (Horn, 1965) indicou que a análise fatorial deveria ser realizada com 4 fatores. Alguns testes de adequação da AFE foram considerados. A AFE apresentou RMSR igual a 0,03, um valor aceitável já que o desejável é que o mesmo esteja próximo de 0. O valor de RMSEA apresentado foi de 0,028, que indica um ajuste razoável uma vez que valores inferiores a 0,05 estão associados a bons ajustes. Por fim, o índice de Tucker-Lewis foi de 0,957 (valores acima de 0,90 são considerados aceitáveis). A Tabela 01 apresenta as cargas fatoriais de todos os itens nos 4 fatores considerados na análise, bem como suas respectivas comunalidades.

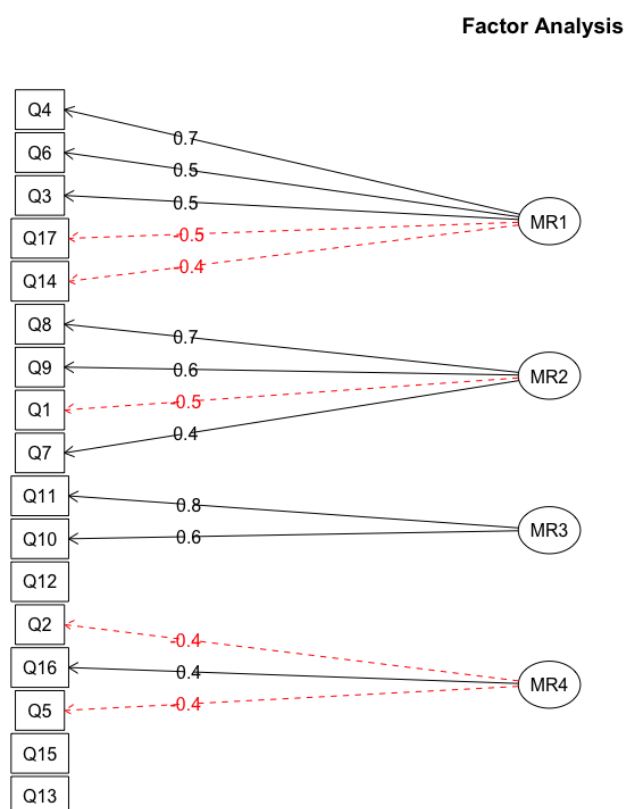
Tabela 01: Cargas fatoriais da análise fatorial com rotação varimax.

	Questões	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Comunalidade
Q1	No geral, eu estou satisfeito comigo mesmo	-0.15	-0.46	-0.11	-0.13	0.266
Q2	Eu sou tão apto a fazer coisas como a maioria das pessoas	-0.27	-0.08	0.05	-0.43	0.269
Q3	Eu sinto que eu não tenho muito do que me orgulhar	0.50	0.06	0.09	0.10	0.274
Q4	Eu me sinto inútil às vezes	0.68	0.12	0.24	0.10	0.539
Q5	Eu sinto que tenho no mínimo tanto valor quanto qualquer outra pessoa	-0.12	-0.04	-0.03	-0.38	0.163
Q6	No geral, eu estou inclinado a me sentir como um fracassado	0.55	0.15	0.20	0.07	0.366
Q7	Seus estudos	0.16	0.39	0.16	0.01	0.200
Q8	Seu trabalho	0.10	0.69	-0.04	0.04	0.484
Q9	Sua situação econômica	-0.01	0.65	0.15	-0.06	0.450
Q10	Sua saúde	0.01	0.13	0.58	0.08	0.356
Q11	Sua imagem/aparência física	0.20	0.09	0.84	-0.03	0.747
Q12	Seus amigos	0.20	0.15	0.25	0.03	0.126
Q13	O caminho que a minha vida segue depende de mim	0.02	0.13	0.11	0.21	0.075
Q14	O que uma pessoa conquista na vida é principalmente uma questão de destino ou sorte	-0.43	0.01	0.00	0.33	0.289
Q15	Se uma pessoa é social ou politicamente ativa, pode conseguir modificar as condições sociais	-0.09	-0.01	0.00	0.29	0.092
Q16	As oportunidades que eu tenho na vida dependem de circunstâncias sociais	-0.30	-0.13	0.02	0.39	0.261
Q17	Tenho pouco controle sobre as coisas que acontecem na minha vida	-0.49	-0.11	0.03	0.08	0.257

A Figura 01 apresenta as relações dos itens com os fatores. Foram considerados pertencentes a um fator, os itens com carga fatorial superior a 0,32, isto é, ao adotarmos esse critério conseguimos relacionar cada item a no máximo um fator. Ainda podemos perceber que ao adotarmos este critério, os itens 12, 13 e 15 não estão associados a nenhum dos 4 fatores criados. Vejam que os itens descartados são os itens que possuem as comunalidades mais baixas. O primeiro fator MR1 é composto por 5 itens (Q3, Q4,

Q6, Q14 e Q17), o segundo fator MR2 por 4 itens (Q1, Q7, Q8 e Q9), o terceiro por fator MR3 2 itens (Q10 e Q11) e o quarto fator MR4 por 3 itens (Q2, Q5 e Q16).

Figura 01: Representação gráfica dos 4 fatores obtidos com a AFE.



Com o intuito de comparar os dois grupos (tratamento e controle) foram obtidos os valores dos escores de cada indivíduo dentro de cada fator. O escore foi calculado como uma função da média ponderada, nos quais os pesos são as cargas fatoriais e foi feita uma mudança de escala para a pontuação variarem entre 0 e 10. A Tabela 02 apresenta as médias e os desvio padrões para os escores dos quatro fatores nos grupos tratamento e controle.

Tabela 02: Média e desvio padrão para a pontuação dos escores nos fatores para os grupos tratamento e controle.

Fatores	Tratamento (n = 138)		Controle (n = 169)	
	Média	d.p.	Média	d.p.
MR1	6,17	2,10	5,99	2,07
MR2	5,46	2,65	5,13	2,21
MR3	8,27	1,97	8,04	2,02
MR4	6,37	2,01	6,14	2,12

Vale ressaltar que pela construção do fator 1 (MR1) indivíduos com pontuações baixas possuirão baixa autoestima e que acreditam não ter controle sobre suas vidas. Nota-se uma média levemente superior para os indivíduos que participaram do projeto, indicando que estes indivíduos possuem uma autoestima melhor do que os indivíduos do grupo controle. Ao compararmos as médias dos escores do segundo fator, MR2, percebemos uma média maior para o grupo tratamento, indicando que estes indivíduos demonstram estar mais satisfeitos com sua vida pessoal, escolar e de trabalho do que os indivíduos do grupo controle. Já ao avaliarmos as médias dos escores do terceiro fator, MR3, percebemos que o grupo tratamento possui média maior, indicando que os indivíduos que participaram do projeto se mostram mais satisfeitos com seu corpo e saúde. Quando avaliamos as médias do fator 4, MR4, notamos que a média menor no grupo controle, indica que este grupo tem uma crença maior de que são tão competentes e tem tanto valor quanto qualquer outra pessoa e não dependem dos outros, quando comparado ao grupo tratamento.

Note que as médias dos escores possuem diferenças não muito grandes. Ao realizarmos um teste de t para comparação das médias dos dois grupos, com base em um nível de significância de 5%, não foram rejeitas as hipóteses de igualdade de médias entre os dois grupos para todos os fatores.

Com o intuito de avaliar o impacto conjunto de diversas características dos indivíduos que possam explicar o escore obtido nos 4 fatores indicados pela análise fatorial, ajustamos quatro modelos de regressão linear múltiplo. Em cada ajuste consideramos como variável resposta a pontuação em um dos fatores. Já como variáveis explicativas foram consideradas as seguintes variáveis: local, tratamento, raça, escolaridade, gênero,

mora com pai ou mãe, possui filhos e a interação entre gênero e possui filhos. A Tabela 03 apresenta os resultados do ajuste do modelo de regressão linear para o 1º fator (MR1).

Tabela 03: Ajuste do modelo de regressão linear múltiplo para a pontuação no fator 1 (MR1) – fator associado com a autoestima dos indivíduos de uma maneira em geral.

	Variáveis	Estimativa	Erro padrão	t	p-valor
	Intercepto	5,63997	1,0796	5,224	3,35E-07
Local	Borel				
	Mangueira	-0,19431	0,25701	-0,756	0,4502
Tratamento	Não				
	Sim	0,28623	0,25327	1,13	0,2594
Raça	Outros				
	Branco	-0,71298	0,43535	-1,638	0,1026
Escolaridade	Até fundamental				
	Médio completo ou incompleto	1,13539	0,28758	3,948	9,89E-05
	Superior	1,90861	0,75426	2,53	0,0119
Gênero	Feminino				
	Masculino	0,54043	0,29586	1,827	0,0688
Mora com pai ou mãe	Não				
	Sim	-0,05448	0,27589	-0,197	0,8436
Tem filhos	Não				
	Sim	0,25696	0,35546	0,723	0,4703
	Idade	-0,03248	0,04317	-0,752	0,4524
	Maculino*filhos	-0,09148	0,53715	-0,17	0,8649

Com base na Tabela 03, percebemos que escolaridade é um fator que está associado com pontuação do fator 1. De modo que, possuir ensino médio, completo ou incompleto, aumenta a pontuação média do fator 1 quando comparado com indivíduos que possuem até o ensino fundamental. O mesmo observa-se para o ensino superior, onde o aumento médio é ainda maior do que para o ensino médio, indicando um efeito positivo na pontuação média do fator 1. Deste modo, percebemos que os indivíduos com maior escolaridade possuem maior autoestima e acreditam ter mais controle sobre suas vidas quando comparados com os indivíduos com menor escolaridade.

Com relação ao gênero, se considerarmos um nível de significância de 7%, o gênero masculino possui pontuação média maior do que o gênero feminino, indicando que homens possuem maior autoestima e acreditam ter mais controle sobre suas vidas quando comparados com mulheres. As demais variáveis explicativas não foram estatisticamente significativas.

A Tabela 04 apresenta os resultados do ajuste do modelo de regressão linear para o 2o fator (MR2).

Tabela 04: Ajuste do modelo de regressão linear múltiplo para a pontuação no fator 2 (MR2) – fator associado com a satisfação com a vida pessoal.

	Variáveis	Estimativa	Erro padrão	t	p-valor
	Intercepto	5,81525	1,23474	4,71	3,85E-06
Local	Borel				
	Mangueira	0,74548	0,29395	2,536	0,01173
Tratamento	Não				
	Sim	0,62883	0,28967	2,171	0,03075
Raça	Outros				
	Branco	-1,34795	0,49791	-2,707	0,00719
Escolaridade	Até fundamental				
	Médio completo ou incompleto	0,15042	0,32891	0,457	0,64776
	Superior	0,58334	0,86265	0,676	0,49944
Gênero	Feminino				
	Masculino	-0,01526	0,33837	-0,045	0,96406
Mora com pai ou mãe	Não				
	Sim	-0,12548	0,31553	-0,398	0,69115
Tem filhos	Não				
	Sim	-0,43253	0,40655	-1,064	0,28825
	Idade	-0,04736	0,04937	-0,959	0,33819
	Maculino*filhos	0,59046	0,61434	0,961	0,33729

Com base na Tabela 04, percebemos que os moradores da Mangueira possuem uma pontuação média maior no 2º fator (MR2) do que os moradores do Borel, indicando que os moradores da Mangueira demonstram estar mais satisfeitos com sua vida pessoal do que os moradores do Borel. Percebemos o mesmo para o efeito do tratamento, de modo que os indivíduos que participaram do projeto jovens construtores possuem pontuação média maior do que os indivíduos que não participaram do projeto, indicando que os

participantes do projeto demonstram estar mais satisfeitos com sua vida pessoal do que os que não participaram. Além disso, percebemos que os indivíduos da raça branca possuem pontuação média menor do que os não brancos. Deste modo, percebemos que indivíduos moradores do Borel, participantes do projeto Jovens Construtores e não brancos são as características que aumentam a pontuação média do 2o fator associado a satisfação com a vida pessoal.

A Tabela 05 apresenta os resultados do ajuste do modelo de regressão linear para o 3o fator (MR3).

Tabela 05: Ajuste do modelo de regressão linear múltiplo para a pontuação no fator 3 (MR3) – fator associado com a satisfação com a imagem e a saúde.

	Variáveis	Estimativa	Erro padrão	t	p-valor
	Intercepto	8,713815	1,033716	8,43	1.65e-15
Local	Borel				
	Mangueira	0,317021	0,246089	1,288	0,199
Tratamento	Não				
	Sim	0,212648	0,242508	0,877	0,381
Raça	Outros				
	Branco	0,005731	0,416851	0,014	0,989
Escolaridade	Até fundamental				
	Médio completo ou incompleto	0,171995	0,275358	0,625	0,533
	Superior	-0,365639	0,722205	-0,506	0,613
Gênero	Feminino				
	Masculino	0,419539	0,283285	1,481	0,140
Mora com pai ou mãe	Não				
	Sim	-0,233704	0,264162	-0,885	0,377
Tem filhos	Não				
	Sim	0,031417	0,340357	0,092	0,927
	Idade	-0,045653	0,041333	-1,105	0,270
	Maculino*filhos	0,0824	0,514320	0,16	0,873

Ao avaliarmos o 3º fator associado com a satisfação com a imagem e saúde, percebemos que nenhuma das variáveis explicativas estão associadas com o mesmo.

A Tabela 06 apresenta os resultados do ajuste do modelo de regressão linear para o 4º fator (MR4).

Tabela 06: Ajuste do modelo de regressão linear múltiplo para a pontuação no fator 4 (MR4) – fator associado com a crença na competência.

	Variáveis	Estimativa	Erro padrão	t	p-valor
	Intercepto	4,93843	1,10115	4,485	1.05e-05
Local	Borel				
	Mangueira	0,25224	0,26214	0,962	0,337
Tratamento	Não				
	Sim	0,29198	0,25833	1,13	0,259
Raça	Outros				
	Branco	-0,21683	0,44404	-0,488	0,626
Escolaridade	Até fundamental				
	Médio completo ou incompleto	0,44655	0,29332	1,522	0,129
	Superior	0,74779	0,76931	0,972	0,332
Gênero	Feminino				
	Masculino	-0,35348	0,30176	-1,171	0,242
Mora com pai ou mãe	Não				
	Sim	-0,05456	0,28139	-0,194	0,846
Tem filhos	Não				
	Sim	0,25717	0,36256	0,709	0,479
	Idade	0,03545	0,04403	0,805	0,421
	Maculino*filhos	0,53324	0,54787	0,973	0,331

Ao avaliarmos o 4º fator associado com a crença na competência, percebemos que nenhuma das variáveis explicativas estão associadas com o mesmo.

Com o intuito de compararmos os grupos controle e tratamento no que diz respeito a cada um dos itens de forma isolada, foi realizado um teste de qui-quadrado de homogeneidade para comparar a distribuição dos indivíduos em cada grupo no que diz respeito às suas satisfações com cada item. A escala *likert* foi agrupada de modo que para cada item três categorias eram possíveis: insatisfeito, neutro e satisfeito. A Tabela 07 apresenta a distribuição da satisfação com relação ao seu trabalho para os grupos tratamentos e controle.

Tabela 07: Frequências e porcentagens do grau de satisfação com relação ao seu trabalho (ainda que não esteja trabalhando) para os grupos tratamento e controle

Grau de Satisfação	Tratamento		Controle	
	N	%	N	%
Insatisfeito	47	0,34	61	0,36
Neutro	25	0,18	49	0,29
Satisfeito	66	0,48	59	0,35

Ao avaliarmos a distribuição, um maior percentual de satisfeitos é encontrado no grupo tratamento do que no grupo controle. Quando testada, a diferença das distribuições de satisfação dos dois grupos mostrou-se estatisticamente significativa ($X^2=6,93$, g.l. = 2 e p-valor = 0,0312). Para os demais itens, não foram observadas diferenças estatisticamente significativas.

Apêndice 4

Respostas do questionários em que se basearam a análise de impacto

Questões	Participantes do programa	Grupo de controle
<u>Atualmente Matriculado na Escola</u>	42,45	41,32
<u>Grau escolar de quem estava matriculado</u>		
Ensino fundamental	16,07	11,94
Ensino médio	83,93	88,06
<u>Ano(série) escolar de quem estava matriculado</u>		
Fundamental/ 2º ano	1,89	0,00
Fundamental/ 3º ano	0,00	1,52
Fundamental/ 6º ano	0,00	1,52
Fundamental/ 7º ano	0,00	3,03
Fundamental/ 8º ano	0,00	3,03
Fundamental / 9º ano	9,43	4,55
Médio/ 1º ano	39,62	39,39
Médio/ 2º ano	26,42	30,30
Médio/ 3º ano	22,64	15,15
<u>Motivo Para Não Estar matriculado</u>		
motivo 1 (Conclui o ensino médio/ nível de estudo que desejava)	39,24	38,78
motivo 2 (Preciso cuidar da casa, do filho ou de outras pessoas)	17,72	18,37
motivo 3 (Gravidez (própria ou da companheira))	11,39	6,12
motivo 4 (Tenho um problemas de saúde ou uma deficiência que impossibilita estudar)	0,00	1,02
motivo 5 (A escola é chata, não me interessa ou não tenho interesse em estudar)	5,06	1,02
motivo 6 (Fui expulso da escola)	7,59	5,10
motivo 7 (Fui vítima de discriminação ou violência no ambiente escolar)	2,53	3,06
motivo 8 (Não tenho tempo devido ao trabalho)	20,25	20,41
motivo 9 (Não consegui fazer a matrícula)	20,25	21,43
outros	15,19	15,31
<u>Último Grau de quem NÃO estava matriculado</u>		
Ensino fundamental	44,16	23,40
Ensino médio	54,55	69,15
Ensino superior	1,30	7,45
<u>Último ano(série) escolar de quem NÃO estava matriculado</u>		
Fundamental/ 1º ano	1,39	0,00
Fundamental/ 3º ano	1,39	0,00
Fundamental/ 4º ano	1,39	0,00
Fundamental/ 5º ano	1,39	1,11
Fundamental/ 6º ano	4,17	2,22
Fundamental/ 7º ano	6,94	7,78
Fundamental/ 8º ano	16,67	5,56
Fundamental/ 9º ano	8,33	5,56
Médio/ 1º ano	18,06	17,78
Médio/ 2º ano	4,17	10,00
Médio/3º ano	34,72	42,22
Superior/1º ano	1,39	2,22
Superior/2º ano	0,00	2,22
Superior/3º ano	0,00	1,11
Superior/4º ano	0,00	2,22

<u>Pensa em fazer faculdade?</u>	80,15	85,03
<u>Você já fez algum curso profissionalizante, fora do ensino regular, depois de preencher o cadastro para participar do programa "Jovens Construtores"?</u>	35,77	17,37
<u>Quais são as chances de se matricular no ensino fundamental nos próximos 24 meses?</u>		
nada provável	2,27	1,88
pouco provável	3,03	5,00
provável	9,09	2,50
muito provável	7,58	6,25
estou matriculado/já concluí	78,03	84,38
nada provável/pouco provável	5,30	6,88
provável/muito provável/estou matriculado	94,70	93,13
<u>Quais são as chances de se matricular no ensino médio nos próximos 24 meses?</u>		
nada provável	5,30	1,88
pouco provável	7,58	5,00
provável	13,64	11,88
muito provável	17,42	18,75
estou matriculado/já concluí	56,06	62,50
nada provável/pouco provável	12,88	6,88
provável/muito provável/estou matriculado	87,12	93,13
<u>Quais são as chances de se matricular em curso profissionalizante nos próximos 24 meses?</u>		
nada provável	6,30	3,95
pouco provável	13,39	13,16
provável	38,58	40,79
muito provável	41,73	40,79
estou matriculado/já concluí	0,00	1,32
nada provável/pouco provável	19,69	17,11
provável/muito provável/estou matriculado	80,31	82,89
<u>Você já trabalhou alguma vez em alguma atividade remunerada?</u>	84,89	68,64
<u>Em total, quantos meses você ficou trabalhando entre janeiro de 2016 e o momento atual?</u>	11,30	13,30
<u>Diga por favor que tipo de trabalho foi da última vez que trabalhou (ou no trabalho atual se estiver trabalhando agora):</u>		
empregado com carteira	16,95	26,96
empregado sem carteira	33,05	27,83
jovem aprendiz	22,03	22,61
estágio	6,78	6,96
autônomo	21,19	15,65
<u>Na semana passada, você trabalhou em alguma atividade remunerada?</u>	61,86	52,59

Quanto Ganhou no Último Mês Somando os Trabalhos

1/4 salário mínimo	14,29	22,41
1/2 salário mínimo	22,86	18,97
1 salário mínimo	27,14	29,31
2 salários mínimos	27,14	24,14
3 salários mínimos	7,14	1,72
4 salários mínimos	1,43	1,72
5 salários mínimos	0,00	0,00
mais de 5 salários mínimos	0,00	1,72
total	100,00	100,00

Se sim, para quem você realizou esta atividade (se for mais de uma, considere a principal)?

empresa privada ou cooperativa, com carteira assinada	17,39	21,67
empresa privada ou cooperativa, sem carteira assinada	17,39	16,67
empresa privada ou cooperativa, estágio	2,90	3,33
empresa privada ou cooperativa, Jovem Aprendiz	15,94	16,67
para um familiar	5,80	6,67
para um indivíduo ou domicílio (excluir o próprio domicílio)	2,90	3,33
empresa pública ou governo municipal, estadual ou federal, excluindo estágio ou Jovem Apre	4,35	1,67
empresa pública ou governo municipal, estadual ou federal, estágio	2,90	1,67
empresa pública ou governo municipal, estadual ou federal, Jovem Aprendiz	2,90	3,33
programa de emprego do governo	0,00	0,00
por conta própria/autônomo (negócio próprio)	23,19	20,00
outro	4,35	0,00

Se sim, quantas horas por semana você dedica a esse trabalho?

31,40 32,20

Se sim, há quantos meses você está nesse trabalho?

7,25 9,27

Se sim, há quantas pessoas trabalham no seu local de trabalho?

41,60 78,60

Se sim, como você conseguiu seu atual emprego/atividade?

O Programa Jovem Construtor me ajudou a encontrar	23,53	1,75
Indicação de parente, amigo ou colega	55,88	59,65
Colocou ou respondeu anúncio de trabalho em jornal ou revista ou internet	2,94	3,51
Consultou ou inscreveu-se em agência de emprego privada ou sindicato	1,47	1,75
Distribuiu seu currículo	13,24	14,04
Entrou em contato diretamente com empregador	11,76	1,75
Através da instituição em que estudou	0,00	8,77
Fez concurso público	0,00	5,26
Consultou ou inscreveu-se em agência de emprego municipal, estadual, ou no Sistema Nacior	0,00	0,00
Iniciou seu próprio negócio	13,24	14,04
Outro	4,41	12,28

Nas últimas quatro semanas, você procurou trabalho remunerado, seja um emprego ou um negócio próprio?

68,75 77,14

Se não, por que você não tomou nenhuma providência para conseguir trabalho, seja um emprego ou um negócio próprio?

Já tenho trabalho ou estou esperando respostas de procuras anteriores	10,00	21,74
Preciso cuidar da casa, ou tomar conta de crianças, idosos ou outros familiares	20,00	17,39
Estou grávida	5,00	13,04
Tenho problema de saúde ou alguma deficiência (física ou mental)	10,00	0,00
Por não ter formação exigida	15,00	13,04
Os salários são baixos	0,00	0,00
Estou estudando	25,00	34,78
Não tenho interesse em trabalhar	0,00	0,00
Outro	35,00	17,39
Não sei ou não quero responder	5,00	4,35

Indique quanto você concorda ou discorda com: no geral, estou satisfeito comigo mesmo

concordo fortemente	29,50	25,44
concordo	33,81	36,69
não concordo nem discordo	17,99	26,04
discordo	12,23	7,10
discordo fortemente	6,47	4,73

Indique quanto você concorda ou discorda com: estou tão apto a fazer as coisas como a maioria das pessoas

concordo fortemente	40,58	37,72
concordo	39,86	39,52
não concordo nem discordo	13,04	13,77
discordo	4,35	7,78
discordo fortemente	2,17	1,20

Indique quanto você concorda ou discorda com: sinto que não tenho muito o que me orgulhar

concordo fortemente	5,76	7,23
concordo	21,58	18,67
não concordo nem discordo	20,86	19,88
discordo	30,22	35,54
discordo fortemente	21,58	18,67

Indique quanto você concorda ou discorda com: me sinto inútil as vezes

concordo fortemente	5,80	6,55
concordo	25,36	29,17
não concordo nem discordo	15,94	16,67
discordo	28,26	25,60
discordo fortemente	24,64	22,02

Indique quanto você concorda ou discorda com: sinto que tenho no mínimo tanto valor como qualquer outra pessoa

concordo fortemente	34,78	35,33
concordo	39,13	43,11
não concordo nem discordo	14,49	9,58
discordo	10,14	7,19
discordo fortemente	1,45	4,79

Indique quanto você concorda ou discorda com: no geral, estou inclinado a me sentir como um fracassado

concordo fortemente	5,84	2,98
concordo	7,30	4,76
não concordo nem discordo	21,90	12,50
discordo	31,39	33,93
discordo fortemente	33,58	45,83

Você participa de atividades/projetos em sua comunidade?

14,39	18,34
-------	-------

Você participa de algum outro grupo (Grêmio, Movimento Estudantil, Igreja, Centro Religioso, etc.)

30,43	25,00
-------	-------

Em uma escala de 1 (muito satisfeito) à 5 (pouco satisfeito), quão satisfeito você está em relação a seus estudos?

1	15,11	18,56
2	13,67	13,77
3	27,34	23,95
4	15,83	15,57
5	26,62	26,95
Não sei/ Não se aplica	1,44	1,20
média	3,26	3,19

Em uma escala de 1 (muito satisfeito) à 5 (pouco satisfeito), quão satisfeito está em relação a seu trabalho?

1	24,44	24,24
2	10,37	12,73
3	11,11	21,82
4	20,74	13,94
5	28,15	21,82
Não sei/ Não se aplica	5,19	5,45
média	3,19	2,96

Em uma escala de 1 (muito satisfeito) à 5 (pouco satisfeito), quão satisfeito está em relação a sua situação econômica?

1	22,46	26,51
2	15,22	21,08
3	29,71	28,31
4	18,12	12,05
5	13,04	10,84
Não sei/ Não se aplica	1,45	1,20
média	2,84	2,59

Em uma escala de 1 (muito satisfeito) à 5 (pouco satisfeito), quão satisfeito está em relação a sua saúde?

1	4,35	3,61
2	5,07	7,23
3	12,32	13,25
4	20,29	19,28
5	50,72	53,01
Não sei/ Não se aplica	7,25	3,61
média	4,16	4,15

Em uma escala de 1 (muito satisfeito) à 5 (pouco satisfeito), quão satisfeito está em relação a sua imagem/aparência física?

1	5,07	7,74
2	6,52	6,55
3	13,77	11,31
4	26,81	35,12
5	44,20	37,50
Não sei/ Não se aplica	3,62	1,79
média	4,02	3,90

Em uma escala de 1 (muito satisfeito) à 5 (pouco satisfeito), quão satisfeito está em relação a seus amigos?

1	9,42	4,76
2	4,35	6,55
3	25,36	20,83
4	20,29	25,00
5	31,88	41,07
9	8,70	1,79
média	3,67	3,93

Em uma escala de 1 (discorda totalmente) à 7 (concorda completamente), diga-me se vc concorda com a seguinte afirmação: o caminho da minha vida depende de mim.

1	2,16	2,37
2	0,72	0,59
3	5,04	0,59
4	7,91	7,10
5	6,47	3,55
6	12,23	8,88
7	71,22	76,92
média	6,19	6,43

Em uma escala de 1 (discorda totalmente) à 7 (concorda completamente), diga-me se vc concorda com a seguinte afirmação: o que uma pessoa conquista na vida é principalmente uma questão de destino ou sorte.

1	23,91	20,96
2	6,52	7,78
3	16,67	11,98
4	17,39	20,36
5	13,04	11,38
6	4,35	6,59
7	18,12	20,96
média	3,75	3,97

Em uma escala de 1 (discorda totalmente) à 7 (concorda completamente), diga-me se vc concorda com a seguinte afirmação: se uma pessoa é social ou politicamente ativa, pode talvez mudar as condições sociais

1	5,80	2,38
2	4,35	7,14
3	7,97	5,95
4	23,91	25,60
5	12,32	17,26
6	14,49	13,10
7	31,16	28,57
média	5,01	5,02

Em uma escala de 1 (discorda totalmente) à 7 (concorda completamente), diga-me se vc concorda com a seguinte afirmação: as oportunidades que eu tenho na vida dependem de circunstâncias sociais

1	9,49	10,78
2	9,49	3,59
3	9,49	10,78
4	17,52	23,95
5	14,60	23,35
6	20,44	12,57
7	18,98	14,97
média	4,55	4,43

Em uma escala de 1 (discorda totalmente) à 7 (concorda completamente), diga-me se vc concorda com a seguinte afirmação: tenho pouco controle sobre as coisas que acontecem na minha vida

1	29,50	24,40
2	11,51	13,69
3	10,79	13,10
4	11,51	11,31
5	11,51	15,48
6	8,63	7,14
7	16,55	14,88
média	3,56	3,61

Você já ouviu falar sobre o Pronatec?

60,14 62,72

Você já ouviu falar sobre o programa Jovem Aprendiz?

99,28 99,40

Você já ouviu falar sobre o Fundo de Financiamento Estudantil (FIES)?

64,96 66,47

Você já ouviu falar sobre o Financiamento Estudantil/ Prouni?

79,14 71,26

Desde o momento você preencheu o cadastro do Programa Jovem Construtor, você se envolveu em alguma briga física?

9,35 7,69

média de vezes

2,35 2,20

Desde o momento você preencheu o cadastro do Programa Jovem Construtor, você foi levado alguma vez para delegacia acusado de alguma coisa?

5,07 5,33

média de vezes

3,25 3,5

Apêndice 5

Regressões logísticas para capturar o impacto do programa

Tabela 1A

Estimativas do modelo logit para a probabilidade de estar matriculado na escola

variáveis	coeficientes	EP	p value
(Intercept)	-1,625	0,442	0,000 ***
participante do programa	0,212	0,265	0,423
mangueira	0,615	0,266	0,021 **
branca	0,008	0,464	0,986
homem	0,427	0,302	0,156
escmedio_comp_incomp	1,042	0,330	0,002 ***
escsuperior	-15,661	819,860	0,985
mora_pai_mae	0,533	0,300	0,076 *
filhos	-0,280	0,368	0,446
homem:filhos	-1,358376	0,654263	0,03788 **

Tabela 2A

Estimativas do modelo logit para a probabilidade de pensar em fazer faculdade

variáveis	coeficientes	EP	p value
constante	3,53	1,37	0,010 ***
participante do programa	-0,21	0,34	0,542
morador da Mangueira	0,07	0,35	0,841
idade	-0,04	0,06	0,478
homem	-1,09	0,49	0,028 **
cor branca	-1,16	0,51	0,022 **
ensino médio completo ou incompleto	0,10	0,38	0,789
mora com pai e mãe	-0,57	0,37	0,121
tem filho	-0,90	0,57	0,113
homem x tem filho	0,18	0,72	0,798

Tabela 3A

Estimativas do modelo logit para a probabilidade de fazer um curso profissionalizante após a inscrição do programa

variáveis	coeficientes	EP	p value
constante	-1,92	1,19	0,108
participante do programa	1,21	0,30	6,57E-05 ***
morador da Mangueira	0,57	0,31	0,062 *
idade	0,00	0,05	0,987
homem	0,01	0,34	0,977
cor branca	-0,96	0,66	0,145
ensino médio completo ou incompleto	0,15	0,35	0,679
ensino superior completo ou incompleto	-0,36	1,16	0,754
mora com pai e mãe	-0,16	0,35	0,654
tem filho	0,22	0,41	0,590
homem x tem filho	-1,96	0,87	0,024 **

Tabela 4A

Estimativas do modelo logit para a probabilidade de achar provável estar matricular em um curso profissionalizante nos próximos 24 meses ou já estar matriculado

variáveis	coeficientes	EP	p value
constante	3,42	1,36	0,012 **
participante do programa	-0,21	0,34	0,542
morador da Mangueira	-0,28	0,36	0,427
idade	-0,07	0,06	0,237
homem	-0,37	0,42	0,370
cor branca	-1,26	0,49	0,010 **
ensino médio completo ou incompleto	0,21	0,39	0,593
ensino superior completo ou incompleto	-0,79	0,88	0,370
mora com pai e mãe	-0,11	0,38	0,781
tem filho	0,19	0,54	0,718
homem x tem filho	-0,85	0,71	0,231

Tabela 5A

Estimativas do modelo logit para a probabilidade de estar estudando ou trabalhando

variáveis	coeficientes	EP	p value
constante	0,37	1,13	0,741
participante do programa	0,64	0,30	0,032 **
morador da Mangueira	0,35	0,30	0,239
idade	-0,04	0,05	0,463
homem	0,52	0,35	0,134
cor branca	0,59	0,54	0,282
ensino médio completo ou incompleto	0,85	0,32	0,008 ***
ensino superior completo ou incompleto	0,25	0,84	0,765
mora com pai e mãe	0,52	0,34	0,132
tem filho	-0,68	0,38	0,072
homem x tem filho	0,12	0,58	0,844

Tabela 6A

Estimativas do modelo logit para a probabilidade de ter trabalhado alguma vez em alguma atividade remunerada

variáveis	coeficientes	EP	p value
constante	-4,91	-4,91	1,02E-03 ***
participante do programa	1,06	1,06	0,001 ***
morador da Mangueira	-0,30	-0,30	0,357
idade	0,26	0,26	3,01E-04 ***
homem	-0,16	-0,16	0,655
cor branca	-0,24	-0,24	0,652
ensino médio completo ou incompleto	0,92	0,92	0,011 **
ensino superior completo ou incompleto	16,18	16,18	0,984
mora com pai e mãe	-0,03	-0,03	0,940
tem filho	0,43	0,43	0,363
homem x tem filho	0,26	0,26	0,737

Tabela 7A

Estimativas do modelo logit para a probabilidade de na semana passada ter trabalhado em alguma atividade remunerada

variáveis	coeficientes	EP	p value
constante	-4,68	1,22	1,18E-04 ***
participante do programa	0,73	0,27	0,006 ***
morador da Mangueira	-0,13	0,27	0,629
idade	0,21	0,06	1,03E-04 ***
homem	-0,16	0,31	0,606
cor branca	0,44	0,46	0,343
ensino médio completo ou incompleto	-0,07	0,31	0,813
ensino superior completo ou incompleto	0,56	0,82	0,501
mora com pai e mãe	0,33	0,30	0,266
tem filho	-1,04	0,39	0,008 **
homem x tem filho	0,98	0,57	0,087

Tabela 8A

Estimativas do modelo logit para a probabilidade de ter se envolvido em alguma briga ou ter sido levado para a delegacia após a inscrição no programa

variáveis	coeficientes	EP	p value
constante	-1,36	1,46	3,52E-01
participante do programa	-0,35	0,43	0,409
morador da Mangueira	-0,31	0,44	0,480
idade	-0,04	0,06	5,52E-01
homem	0,69	0,56	0,222
cor branca	0,63	0,60	0,295
ensino médio completo ou incompleto	-0,62	0,44	0,163
ensino superior completo ou incompleto	-0,29	1,22	0,814
mora com pai e mãe	0,11	0,47	0,818
tem filho	0,15	0,71	0,832
homem x tem filho	0,80	0,87	0,353

Tabela 9A

Estimativas do modelo logit para a probabilidade de ter participado de alguma atividade/projetos em sua comunidade ou participado de algum outro grupo

variáveis	coeficientes	EP	p value
constante	-0,59	0,99	5,51E-01
participante do programa	0,11	0,26	0,672
morador da Mangueira	-0,09	0,26	0,719
idade	0,00	0,04	9,17E-01
homem	0,19	0,30	0,514
cor branca	-0,49	0,48	0,304
ensino médio completo ou incompleto	0,12	0,30	0,692
ensino superior completo ou incompleto	-0,49	0,88	0,580
mora com pai e mãe	0,00	0,29	1,000
tem filho	-0,03	0,37	0,932
homem x tem filho	-0,69	0,56	0,223

Fonte: todas as regressões foram produzidas pelos autores.